

ANGELA WELTERS

**TECNOLOGIA, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E CRESCIMENTO NA TRADIÇÃO
ESTRUTURALISTA LATINO-AMERICANA (1970-90)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Mestrado em Desenvolvimento Econômico - Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Porcile Meirelles

**CURITIBA
2000**

TERMO DE APROVAÇÃO

ANGELA WELTERS

TECNOLOGIA, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E CRESCIMENTO NA TRADIÇÃO ESTRUTURALISTA LATINO-AMERICANA (1970-90)

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no curso Mestrado em Desenvolvimento Econômico, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Porcile Meirelles

Departamento de Economia da UFPR.

Prof. Dr. Rudinei Toneto Jr.

Departamento de Economia - USP/ Ribeirão Preto.

Prof. Dr. Igor Zandoni Constant Carneiro Leão.

Departamento de Economia UFPR.

Curitiba, 25 de outubro de 2000.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e orientador José Gabriel Porcile Meirelles, pelo acompanhamento e revisão do trabalho, além da infinita paciência e dedicação. Agradeço também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho. Por fim, meu especial agradecimento a minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos, sem o que a elaboração deste trabalho não teria sido possível.

SUMÁRIO

RESUMO	V
INTRODUÇÃO.....	1
1 - CONTEXTO HISTÓRICO: UM BREVE RESUMO	3
1.1- ANTECEDENTES:	3
1.2- CRISE DO PADRÃO DE INDUSTRIALIZAÇÃO:	8
1.3- CRISE DO PADRÃO E O DEBATE TEÓRICO:	14
2- O PENSAMENTO DE RAUL PREBISCH NOS ANOS 70 E 80.....	15
2.1- OBSTÁCULOS INTERNOS AO DESENVOLVIMENTO	16
2.1.1- <i>Limitações internas ao desenvolvimento: a insuficiência dinâmica</i>	16
2.1.2- <i>Transformações na estrutura econômica e social:</i>	18
2.1.3- <i>A disciplina do desenvolvimento</i>	22
2.2 - ANOS OITENTA: CRÍTICA AO CAPITALISMO PERIFÉRICO	26
2.2.1- <i>A preocupação com a dinâmica do excedente e a crise dos setenta</i>	27
2.2.2- <i>Excedente versus consumo e o fenômeno da inflação social</i>	27
2.2.3- <i>Crise "teórica" e as estratégias para a periferia</i>	27
2.2.4- <i>A transformação do sistema: o uso social do excedente</i>	27
2.3- A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO NO PERÍODO: UM ESBOÇO PRELIMINAR.....	27
3- O PENSAMENTO DE FAJNZYLBER :.....	27
3.1- TRANSNACIONAIS E ESTILOS DE DESENVOLVIMENTO	27
3.1.1- <i>O papel das transnacionais</i>	27
3.1.2- <i>Transnacionais, modalidade de concorrência e distribuição de renda:</i>	27
3.1.3- <i>Empresas transnacionais e o processo de inovação tecnológica:</i>	27
3.1.4- <i>Transnacionais e desnacionalização da atividade produtiva na América Latina:</i>	27
3.1.5- <i>Alterações na estrutura produtiva e o emprego:</i>	27
3.1.6- <i>Transnacionais: vínculos externos versus política interna:</i>	27
3.2- TRANSFORMAÇÃO PRODUTIVA COM EQUIDADE.....	27
3.2.1- <i>Núcleo endógeno, competitividade sistêmica e eficiência</i>	27
3.2.2- <i>A crítica ao padrão de industrialização latino-americano e a preocupação com a equidade</i>	27
3.3- UM BREVE QUADRO EVOLUTIVO:	27
4- TECNOLOGIA, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E IMPLICAÇÕES PARA O CRESCIMENTO: A PERSPECTIVA DE PREBISCH E FAJNZYLBER.....	27
4.1- A TECNOLOGIA E O CRESCIMENTO.....	27
4.2- A DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E O CRESCIMENTO	27
5-CONCLUSÃO.....	27
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	27

RESUMO

O presente trabalho objetivou estudar de que maneira dois autores representativos do pensamento cepalino interpretam a crise do padrão de industrialização vivida pelas economias latino-americanas a partir de meados dos anos setenta. O foco do trabalho se deu no papel da tecnologia e da distribuição de renda no crescimento, variáveis que tem papel significativo na configuração da crise. Os autores escolhidos, Raul Prebisch e Fernando Fajnzylber, interpretam este momento ora de forma semelhante, ora de forma diversa, propondo caminhos para a América Latina. Ambos pregam a necessidade de melhorar a equidade como requisito para o crescimento, embora o façam com algumas nuances diferentes. A contribuição da distribuição de renda adviria de uma maior disposição de todas as classes no sentido de favorecer o processo de acumulação e aprendizado, gerando um clima favorável ao projeto nacional de desenvolvimento. Além disso, contribuiria para o crescimento do mercado interno incentivando desta forma a indústria. Outro fator a considerar é que a equidade, dado um componente de austeridade no consumo das classes menos favorecidas, impactaria positivamente sobre os recursos para investimento, gerando assim maior crescimento. A autonomia no campo tecnológico é também fundamental para ambos. A constatação da dependência da periferia neste campo, leva os autores a sugerir capacitação técnica da região, no sentido de criar e adaptar novas tecnologias, gerando novas formas de intercâmbio com o centro no caso de Prebisch e uma melhor inserção internacional no caso de Fajnzylber. A grande diferença entre os autores diz respeito a viabilidade do capitalismo periférico. Prebisch crê que sem a transformação do sistema, numa mistura entre socialismo e liberalismo, a qual criaria condições de planificar o uso social do excedente econômico, não seria possível alcançar igualdade distributiva e crescimento econômico. Fajnzylber, por outro lado, acredita que com a criação de um núcleo tecnológico endógeno, seria possível a inserção em outras bases. Entretanto, ele crê que a distribuição de renda não pressupõe mudança de sistema, apenas melhor qualificação da força de trabalho e reforma agrária (que Prebisch também sugere), além de políticas sociais por parte do Estado no sentido de reduzir as tensões sociais. Neste contexto, a superação da crise e, em última instância, da própria condição periférica dar-se-iam mediante uma distribuição de renda mais igualitária e de uma capacitação técnica da região, a qual deveria visar a autonomia e a competitividade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como tema as concepções da Cepal sobre a crise do padrão de industrialização latino-americano à luz do fracasso relativo do processo de substituição de importações já visível nos anos setenta. O objetivo principal é demonstrar de que modo dois representativos autores do pensamento cepalino vêem a crise, além do que identificar as diferentes soluções propostas pelos autores. Neste sentido, o trabalho busca resgatar os pontos de vista de Raul Prebisch e Fernando Fajnzylber sobre este tema, desde a década de setenta até os últimos trabalhos de ambos os autores. Foram destacadas algumas variáveis-chave, na tentativa de melhor identificar os posicionamentos teóricos dos autores no que concerne à crise, a saber: tecnologia, distribuição de renda e crescimento. A importância dos autores é inegável, na medida em que um é o fundador do pensamento cepalino e o outro o principal autor da chamada nova Cepal. A escolha do período deve-se ao fato de que neste momento surge a percepção da necessidade de reformulação do padrão de industrialização até então seguido. Neste sentido, a visão da Cepal sobre a crise e sobre as políticas adotadas parece ter interessante cunho explicativo. A divisão em períodos tem como objetivo a percepção de eventuais mudanças de posicionamento entre os autores, entretanto, não significa uma visão estanque, na medida em que percebe-se clara continuidade de pensamento no núcleo principal de análise de ambos.

Acreditamos que a Cepal, com seu posicionamento crítico e com sua incansável tarefa de entender o desenvolvimento econômico do ponto de vista da periferia, tem contribuições interessantes desde os trabalhos iniciais de Raul Prebisch, como os desenvolvimentos mais recentes ligados à incorporação da teoria Schumpeteriana por autores como Fernando Fajnzylber.

Neste sentido, o trabalho dividir-se-á em 4 seções. A primeira fará um breve resgate histórico do período, buscando destacar os principais acontecimentos na região, dando ênfase ao processo de industrialização e ao fracasso da substituição de importações, os quais fazem parte do núcleo da análise dos autores. Nos anos setenta surge um questionamento ao processo de industrialização na América Latina, dada a percepção da falta de dinamismo do processo de substituição de importações, baixo crescimento e agudização do estrangulamento externo; além de um atraso tecnológico que teria fortes implicações em termos de crescimento e, principalmente, em termos de competitividade internacional. Os trabalhos da Cepal questionam a forma que tomou o capitalismo periférico, assim como sugerem mudanças, mais ou menos "radicais" de transformação do sistema, como veremos ao longo do trabalho. A partir disso, procuraremos nas seções subseqüentes, através da exposição do pensamento de ambos os autores, identificar os principais temas e eventuais mudanças de posicionamento. O objetivo seria comparar e analisar as diferentes respostas, dentro da teoria cepalina, à crise do padrão de industrialização e às falhas nele identificadas, como por exemplo em termos de desigualdade distributiva. Para tal, foi utilizada a bibliografia mais recente de ambos os autores, com destaque para o último livro de Prebisch, o qual contempla uma nova etapa de seu pensamento, sendo entretanto pouco conhecido e discutido. No quarto capítulo tem-se uma tentativa de identificar e comparar de modo claro e sintético as reais concepções de ambos os autores sobre a idéia da equidade, tecnologia e implicações para o crescimento econômico. Por fim, temos uma breve conclusão resgatando os pontos relevantes resultantes da análise.

1 - CONTEXTO HISTÓRICO: UM BREVE RESUMO

Resumir a trajetória econômica da América Latina nos anos setenta e oitenta não é tarefa simples, assim como não faz parte dos objetivos deste trabalho. A diversidade de experiências entre os países da região dificultam na maioria dos casos o estabelecimento de um comportamento comum destas economias. Neste sentido, procuraremos nas páginas seguintes fazer um breve retrato da industrialização latino-americana neste período, buscando destacar seus principais problemas, e destacando em alguns momentos exemplos nacionais que exemplificam estas diferenças antes mencionadas. O objetivo é estabelecer um pano de fundo para a argumentação teórica que se segue, uma vez que a conjuntura vivida pelas economias latino-americanas no período influenciaram os trabalhos dos autores, no sentido de identificação de problemas e proposição de soluções.

1.1- ANTECEDENTES:

A crise de 29 significou a ruptura do padrão de acumulação primário exportador¹, abrindo caminho para a industrialização da América Latina. Até 1937 a maioria dos países da região já contava com unidades de transformação industrial. Em países de menor porte, estas estavam mais voltadas para o beneficiamento de produtos primários, sendo que nos de maior porte englobavam atividades industriais voltadas para a produção de bens de consumo, além de atividades ainda incipientes, como química, metalúrgica e siderurgia, cimento e construção. Como bem evidencia Tavares (ano, pág. 32-33):

¹ Cano (2000) cap. 1

De 1914 a 1945 as economias latino-americanas foram sendo abaladas por crises sucessivas no comércio exterior (...) A crise prolongada dos anos trinta, no entanto, pode ser encarada como ponto crítico da ruptura do funcionamento do modelo primário-exportador. A violenta queda na receita de exportação acarretou de imediato uma diminuição de cerca de 50% na capacidade para importar da maior parte dos países da América Latina (...) A profundidade do desequilíbrio externo fez com que a maior parte dos governos adotasse uma série de medidas tendentes a defender o mercado interno dos efeitos da crise no mercado internacional. (...) o processo de industrialização que se iniciou a partir daí encontrou, sem dúvida alguma, seu apoio na manutenção da renda interna resultante daquela política.(...)

A Segunda Guerra mundial (1937-45) acabou por possibilitar a ampliação² do processo de industrialização³, inclusive no que se refere à "consciência nacional" quanto às possibilidades de avanço da mesma. No mesmo período, os países da região experimentaram uma forte urbanização, o que contribuiu para uma maior disponibilidade de mão-de-obra para o processo de industrialização. Contudo, os sistemas tributários, financeiros e administração pública incorporaram apenas pequenas mudanças, ou mesmo leves "adaptações", que levariam a repercussões econômicas e políticas no futuro.

No período de reconstrução pós Segunda Guerra observasse uma afloramento da discussão teórica sobre o crescimento e o desenvolvimento econômico⁴, surgindo assim, o respaldo político e ideológico para o questionamento do subdesenvolvimento da América Latina, bem como das políticas econômicas para combatê-lo. Os anos cinquenta são um período de fortalecimento do ideal desenvolvimentista na América Latina como um todo, com a disseminação das idéias de CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe) sobre o planejamento e a industrialização como meio de alcançar o desenvolvimento da periferia. Esta,

² Existem controvérsias quanto ao impulso que a Segunda Guerra Mundial teria dado à industrialização. Em geral atribui-se ao período um sucateamento tecnológico do aparelho produtivo na América Latina.

³ Idem

⁴ Ibidem

seria conhecida como estratégia de industrialização via substituição de importações⁵, a qual viria a ser característica das economias da região quase em sua totalidade nas próximas duas décadas.

Como bem caracteriza Bethell e Roxborough (1996, pág. 306):

(...) Ela seria sustentada pela aliança dos industriais locais (a "burguesia nacional"), que teriam assegurados seus lucros por trás das barreiras protetoras, e do trabalho organizado, a quem se ofereciam mais empregos, salários mais altos e melhor nível de vida. O processo seria conduzido pelo Estado intervencionista, que criaria as necessárias condições de mercado, implantaria a infra-estrutura e investiria ele próprio na indústria onde a iniciativa privada ainda não estivesse presente. Rejeitava-se explicitamente a possibilidade de a América Latina poder ou dever retornar a um modelo de acumulação de capital, crescimento e desenvolvimento baseados em exportações de produtos primários.

Este novo modelo de desenvolvimento, seria denominado "para dentro", diferentemente do anterior (primário-exportador) denominado de estratégia de desenvolvimento "para fora". Neste contexto cabe destacar, a implantação, na segunda metade dos anos cinquenta, de importantes plantas industriais na região, em especial do ramo automotivo, químico e metal-mecânico, dando nova configuração aos sistemas industriais latino-americanos. Um exemplo é o caso da economia brasileira no período como bem define Serra (1983)

Foi a partir de meados dos anos 50 até o início dos anos 60 que a industrialização brasileira sofreu transformações estruturais decisivas. Esse avanço foi realizado sob impulso do Plano de Metas do governo Kubitschek (1956-1960) e caracterizou-se por uma intensa diferenciação industrial num espaço de tempo relativamente curto e articulada diretamente pelo Estado. Neste período instalaram-se no país as indústrias automobilísticas, de construção naval, material elétrico pesado e outras máquinas e equipamentos, permitindo significativa ampliação do setor de bens de capital. Ao mesmo tempo, expandiram-se consideravelmente indústrias básicas como a siderúrgica, a de metais não-ferrosos, química pesada, petróleo, papel e celulose. (...) (pág. 75)

Neste mesmo período na Argentina, observa-se fenômeno semelhante, como destaca Kosacoff (1996)

⁵ "Conceito elaborado (...) para designar um processo interno de desenvolvimento, estimulado por desequilíbrio externo e que resulta na dinamização, crescimento e diversificação do setor industrial. Portanto, é mais do que a

A partir de 1958 se inicia el último subperíodo de la ISI que se extiende hasta mediados de los setenta. Articulados en los complejos petroquímico y metalmeccánico (dentro de este último la industria automotriz fue el sector más representativo) la industria tuvo su desempeño más destacado convirtiéndose en el motor del crecimiento, generador de empleo y base de la acumulación de capital. Con la masiva participación de filiales de empresas transnacionales se ocuparon progresivamente los casilleros vacíos de la matriz de insumo-producto en el marco de una economía altamente protegida con el objetivo de lograr un mayor nivel de autoabastecimiento. (pág. 131)

Segundo Kosacoff (1996 pp. 131/34), essas mudanças criaram um processo de desenvolvimento tecnológico baseado na incorporação de tecnologias provenientes dos países desenvolvidos, o que contou com importantes adaptações das mesmas ao meio local, formando réplicas das produções "fordistas" no entanto, com alto conteúdo localista. Apesar disto, já começam, segundo ele, a surgir sinais da falta de competitividade da estrutura industrial argentina. Neste sentido, tem-se que *"(...) la particular posición deficitaria de la industria en el comercio internacional restringía las posibilidades de lograr un crecimiento sostenido de las actividades industriales sin generar la crisis de balance de pagos."* (Kosacoff, 1996 pp. 134)

Dentro deste contexto, a solução encontrada dentro do próprio modelo de substituição de importações, foi de um lado a tentativa de expandir as exportações visando gerar divisas, expandir o mercado interno que já dá sinais de esgotamento e dar impulso à competitividade industrial. De outro lado, tentou-se aprofundar a própria substituição de importações no que tange a alguns insumos básicos como aço, petroquímica, papel, alumínio, dos quais a economia argentina era altamente dependente em termos de importações.

No auge do processo de substituição de importações, a América Latina experimentou elevadas taxas de crescimento se comparado aos países desenvolvidos inclusive. Sendo assim, *"(...) desde 1950 hasta inicios de los años ochenta, América Latina experimentó una larga fase*

produção local de bens tradicionalmente importados." Sandroni (1985) pp.418.

*de crecimiento sostenido sin precedentes en su historia económica. La tasa de crecimiento anual promedio de América Latina entre 1950 y 1981 fue un cuarto más rápida que la de las EMD*⁶ (...)” (Ffrench-Davis et. alli in: Bethell 1997 pág. 108) Segundo o autor, a estratégia de substituição de importações começava tipicamente na América Latina com a produção de bens de consumo leve, passando à seguir para a produção de bens intermediários e consumo durável, sendo finalmente voltada aos bens de capital. O tamanho do mercado interno, as economias de escala e a especialização tornaram-se cada vez mais importantes, assim como a tecnologia tornou-se mais complexa a medida em que a ISI avançava em suas etapas. Neste sentido, alguns países que iniciaram o processo com maior antecipação como Chile e Argentina, começaram a enfrentar dificuldades dada a incapacidade de explorar as economias de escala, num quadro de limitada capacidade exportadora de manufaturas.

Neste contexto, cabe destacar que na década de 60 até início dos anos 70, a América Latina tirou proveito da conjuntura externa⁷, através dos investimentos externos diretos ou financiamento, visando diversos projetos nacionais, que estariam relacionados a alterações nas suas estruturas produtivas, bem como de suas pautas de exportações, que cada vez mais estariam contemplando produtos industrializados. De certo modo, pode-se afirmar que foi utilizada de modo indiscriminado a via do endividamento externo, o que traria consequências para o período subsequente. As altas taxas de crescimento do PIB observadas no período, apesar do financiamento externo abundante, acabaram por pressionar o Balanço de Pagamentos de forma crescente (acrescente-se a isto as duas crises do petróleo), as contas públicas e os sistemas

⁶ Economias de mercado desenvolvidas.

⁷ Ffrench-Davis et. alli (1997)

financeiros nacionais, o que em meados dos anos 70 (73-75) fez renascer com grande ímpeto o processo inflacionário nas economias da região.

1.2- CRISE DO PADRÃO DE INDUSTRIALIZAÇÃO:

No final dos anos 70 até início dos 80, ocorreu uma reestruturação do aparato produtivo da região⁸ em direção de commodities industriais de uso difundido, ou seja, na direção de setores produtivos baseados em recursos naturais como a indústria petroquímica, siderurgia, alumínio, papel e celulose. Obviamente, que muitas destas produções já existiam anteriormente na região. O que ocorre de diferente no período é o estabelecimento, nestes setores produtivos, de um grande número de novos estabelecimentos fabris de grande porte, intensivos em capital e atualizados tecnologicamente considerando o estado da arte internacional. Este processo de reestruturação teria como explicação, segundo Katz (1996) em primeiro lugar uma expansão da fronteira de recursos naturais; em segundo lugar derivaria de incentivos e ações estatais; sendo que apenas em esporádicos casos poderia ser atribuída à abertura e desregulamentação da economia. O autor destaca ainda, que embora com intensidades diferentes entres os principais países da região (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México), este processo de reestruturação microeconômica ocorre em todos.

Neste contexto, Kosacoff (1996) destaca as mudanças profundas na orientação da política econômica na Argentina na década de setenta, a qual estabeleceu uma liberalização de mercados e posterior abertura externa, objetivando modernizar e incentivar a eficiência da economia. Os

⁸ Katz (1996) pág. 99.

resultados foram negativos para o setor industrial, que passou a enfrentar a concorrência dos produtos importados em especial devido ao tipo de câmbio adotado, além de uma contração da demanda interna, juros altos, etc. Neste contexto, observa-se um forte estancamento do setor industrial, nos anos setenta e oitenta na Argentina, sendo que os coeficientes de importação acabaram retornando aos níveis próximos aos anteriores à política de abertura. Portanto, enquanto outros países aprofundavam suas estruturas produtivas neste período, a Argentina passa por um processo de desindustrialização. Inclusive é neste momento que introduz-se no Brasil o II PND (Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento), com o objetivo de substituir importações de insumos básicos e bens de capital. Este plano teve, segundo Castro & Souza (1985) o mérito de contribuir para o ganho de divisas e reforço do superávit comercial; além de modificar significativamente a estrutura industrial brasileira. Neste contexto, o autores destacam que *"A indústria deste país, além de apresentar sinais ostensivos de competitividade internacional, teve as suas deficiências estruturais literalmente superadas. Estes resultados não foram certamente obtidos mediante 'liberalização'. A economia brasileira vem aliás de atravessar um longo período, no qual a interferência governamental atingiu (...) níveis jamais alcançados."* O caso brasileiro contrapõem-se claramente ao caso argentino, em que observa-se regressão industrial num quadro de ênfase no papel do mercado na economia. Apesar do II PND ter representado uma mudança significativa em termos da estrutura da matriz industrial, a ênfase no endividamento na implementação do plano levou a economia brasileira, já na primeira metade dos anos oitenta, a apresentar um forte recrudescimento do estrangulamento externo, dadas as mudanças no cenário internacional. No que refere-se aos problemas do processo de industrialização latino-americana, Ffrench-Davis et. alli (1997) destaca o fato de apesar da região ter tido um desenvolvimento satisfatório em seu conjunto entre 1950 e 1981, a industrialização da América Latina sofreu uma

série de revezes que frustraram algumas das expectativas iniciais. Um exemplo seria a debilidade da base tecnológica local para o crescimento industrial. Muitas das tecnologias utilizadas, segundo o autor, eram versões obsoletas daquelas utilizadas nos países de industrialização avançada, sendo que a adaptação e as mudanças tecnológicas concentravam-se nos países maiores, nos quais, como no resto da região, a política tecnológica recebia atenção insuficiente. Acrescenta-se a isto um contexto de grande propensão ao consumo dos grupos de altas rendas, a qual baseia-se numa distribuição altamente desigual da renda. Neste sentido, as características da industrialização da região somadas a um cenário internacional desfavorável, levariam estas economias à sérias dificuldades econômicas no período. Os dados da tabela abaixo, demonstram o comportamento do setor manufatureiro na América Latina entre 1950 e 1990, deixando claro que a década de setenta é, em quase todos os casos, um momento de crise do setor industrial.

Tabela 1- América Latina: crescimento do produto manufatureiro, 1950-90*

	1950-60	1960-73	1973-81	1950-81	1981-90
Argentina	4.1	5.4	-1.8	3.1	-1.1
Brasil	9.1	8.5	4.5	7.6	1.1
Chile	4.7	4.6	0.9	3.7	2.5
Colômbia	6.5	6.7	3.7	5.9	3.5
México	6.2	8.8	6.6	7.4	1.3
Peru	8.0	5.5	2.4	5.5	-2.3
Venezuela	10.0	5.8	1.0	5.9	2.1
América Central	5.7	8.2	3.3	6.1	0.8
América Latina	6.6	7.3	3.7	6.1	0.3

Fonte: Cepal, Divisão de. In: French-Davis et. alli. (1997) pp. 115.

* taxas de crescimento médio anual

Apesar de apresentar-se com diferentes intensidades, a redução do crescimento do setor manufatureiro manifesta-se na América Latina como um todo no período, ou seja, as dificuldades começam a aparecer em meados dos 70. Nesse período temos mudanças na orientação de política na região, assim como uma conjuntura externa de estagnação econômica e protecionismo.

Com a subida dos juros nos EUA, em meados de 1978, o aumento da inflação e as desvalorizações cambiais, além do segundo choque do petróleo em 79, diversas empresas e bancos privados, que possuíam liquidez em moeda nacional optaram por saldar seus débitos externos, através do que seria chamado "estatização da dívida externa"⁹. As empresas e bancos pagaram suas dívidas em moeda nacional aos governos nacionais, que assumiram as obrigações externas das mesmas. No entanto, quando entre 79 e 82, os juros internacionais sobem de forma vertiginosa, diversos Estados "quebraram" financeiramente, este é o caso de México, Argentina e Brasil na América Latina por exemplo. Obviamente, nos países onde a estatização da dívida não ocorreu, as empresas e bancos endividados no exterior é que quebraram. Neste momento, o que se observa são fuga de capitais, corte de créditos externos por parte dos bancos internacionais. Neste contexto, os EUA concederam alguns empréstimos de duração não superior a um ano, além do que foram concedidas algumas ajudas oficiais por parte do FMI, as quais previam ajustes macroeconômicos, com objetivo de controlar a inflação e sanear as contas do Balanço de Pagamentos. "(...) O principal objetivo, na verdade, era contrair drasticamente todos os segmentos da demanda interna, para permitir a geração de excedentes exportáveis que pudessem,

⁹ Cano (2000) cap. I

de alguma forma, pagar parte do débito." Cano (2000) pág. 32. O autor ainda explicita os principais pontos do ajuste dos anos 80 na América Latina¹⁰:

- i) "política fiscal: cortes radicais nos gastos correntes (notadamente em salários, gastos sociais e subsídios diversos) e no investimento público; poucas alterações na tributação em face da restrição de demanda;
- ii) política monetária: conter drasticamente a expansão dos meios de pagamento, do crédito interno e elevação das taxas de juros reais;
- iii) política salarial: contenção dos reajustamentos e queda do salário real;
- iv) política cambial e de comércio exterior: desvalorizações do câmbio, incentivos às exportações e restrições às importações."

Diante desta perspectiva, a ênfase é dada, ao longo da década, para as questões de curto prazo¹¹, como juros, preços, câmbio, etc. O longo prazo e o crescimento deixam de fazer parte da ordem do dia. O resultado das políticas do período é bem conhecido: "a década perdida", onde observa-se crescimento débil¹², aumento do desemprego urbano e, ainda da informalização do emprego; piora na distribuição de renda e aumento na pobreza em geral.

Os anos oitenta foram, portanto, um período marcado pelos esforços de estabilização macroeconômica através de medidas em geral recessivas, bem como de ajustes na estrutura produtiva com vistas a adequar-se à concorrência externa. Neste contexto, Katz & Stumpo (1996) afirmam com propriedade que

¹⁰ Cano (2000) pág. 34

¹¹ Cano (2000) cap. I

¹² Segundo Cano(2000) pág. 34 : a taxa média anual de crescimento do PIB foi de 0,6% entre 1980 e 1985.

De manera resumida podríamos afirmar que en el curso de los años 80 y en respuesta a la desregulación de la actividad económica y a la gradual apertura a la competencia externa el sector manufacturero se concentra en términos de propiedad, pierde participación de empresas pequeñas y medianas de capital nacional, se reestructura en favor de ramas productivas de bienes 'no comerciables' con el exterior, reduce el valor agregado doméstico de sus líneas productivas y tiende a especializarse en bienes intensivos en recursos naturales en los que actúa como "tomador de precios" en los mercados internacionales de 'commodities' altamente competitivos. El grado de heterogeneidad estructural prevalente al interior de la industria crece notoriamente a raíz del éxito relativo de unas pocas ramas productivas intensivas em capital, y de grande conglomerados de capital nacional al interior de las mismas.(pág. 103)

Dentro desta perspectiva global, observam-se, segundo os autores, diferenças entre os países no que se refere tanto à intensidade, como nos processos mencionados. Um exemplo disto, é o fato da indústria metalmecânica e seus subsetores ter sido de certo modo preservada no Brasil, enquanto sofreu sério retrocesso no Chile e na Argentina desde meados dos anos setenta. De outro lado, se considera-se os coeficientes de exportação e importação, tem-se situações divergentes entre os países. Chile e México apresentam mudanças significativas em ambos; o Brasil apresentou um crescimento relevante no coeficiente de exportações sem aumento significativo no de importações. A Argentina, como antes mencionado, tem forte aumento no coeficiente de importações entre os anos setenta e oitenta. Neste contexto, a balança comercial industrial passa a ser negativa na Argentina e Chile; no Brasil passa a apresentar forte superávit e no México registra maior intensidade o déficit anteriormente existente. Neste contexto, os autores afirmam que

(...) No nos parece factible destacar la posibilidad de que los fenómenos antes descriptos constituyan los rasgos más salientes de fase "destructiva" del proceso schumpeteriano de reestructuración que atraviesan estas sociedades tras la crise de la deuda y que dicha etapa se vea luego sucedida por una fase "creativa" de características aún inciertas una vez que la estabilidad macroeconómica se haya asentado dando paso a una verdadera recuperación real del ahorro y la inversión.(...) (Katz & Stumpo 1996 pp. 123)

1.3- CRISE DO PADRÃO E O DEBATE TEÓRICO:

É neste contexto, que surge a discussão na América Latina sobre o processo de industrialização e o baixo crescimento no período, o "fracasso"¹³ da substituição de importações, o estrangulamento externo como fenômeno estrutural e o atraso tecnológico da região frente ao processo de reestruturação que começa a tomar impulso nos países desenvolvidos. Neste quadro de crise do padrão de industrialização latino-americano, surge um debate sobre o padrão e as respostas à crise. A resposta neoclássica traduz-se num retorno a "ortodoxia", contudo não é a única resposta. O pensamento estruturalista latino-americano também sugere caminhos a serem seguidos. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar de que maneira, as perspectivas teóricas da CEPAL, mais especificamente de dois representativos autores, Prebisch e Fajnzylber, modificam-se entre os anos 70 e a crise da dívida nos anos 80. Ou seja, objetiva-se entender de que modo os autores concebem a crise do padrão de industrialização latino-americano e qual a solução proposta por eles, neste contexto de crise mundial do período, em que até as economias desenvolvidas partem para políticas protecionistas, com vistas à manter o dinamismo de suas economias.

¹³ A substituição de importações não foi exatamente um fracasso em países como o Brasil que modificaram intensamente sua estrutura produtiva e obtiveram ganhos de divisas, muito embora ainda estivessem com baixo nível de competitividade internacional. Ou seja, não podemos generalizar o fenômeno em toda a América Latina.

2- O PENSAMENTO DE RAUL PREBISCH NOS ANOS 70 e 80

Neste capítulo serão expostas as idéias de Prebisch sobre o processo de desenvolvimento da América Latina a partir dos anos setenta. Inicialmente consideramos seu livro *Transformação e Desenvolvimento. A grande tarefa da América Latina* (1973)¹⁴. Este livro é considerado um trabalho de transição, no qual vinculam-se idéias antigas com novas perspectivas do autor, muitas das quais seriam mantidas em trabalhos posteriores.¹⁵ A estrutura fundamental do pensamento do autor nos anos sessenta está incorporada neste trabalho, o qual seria o mais importante de Prebisch como diretor do Instituto Latino-americano de Planificação Econômica e Social (ILPES).¹⁶ Seria uma visão pré-crise do padrão de industrialização latino-americano, em que começam a ser discutidos os fatores internos ligados ao desenvolvimento da periferia, assim como a forma da industrialização periférica. Num segundo momento, nos voltaremos para sua análise e crítica do capitalismo periférico. Nos diferentes artigos publicados na Revista da CEPAL a partir de 1976, as suas idéias vão tomando forma culminando em seu livro *Capitalismo Periférico: Crisis y Transformación* (1981), o qual determina uma nova etapa de seu pensamento.¹⁷ É uma análise da crise vivida pela América Latina, na qual são propostas soluções dentro de sua teoria da transformação. Neste sentido, este seria seu último grande trabalho, que resultaria em alguns artigos até meados dos anos oitenta quando de sua morte.

¹⁴ Publicação em espanhol em 1970.

¹⁵ Ver Sprout (1992) pp. 189.

¹⁶ Ver Gurrieri (1982) pp. 53.

¹⁷ Ver Gurrieri (1982) pp. 81.

2.1- OBSTÁCULOS INTERNOS AO DESENVOLVIMENTO

A obra de Prebisch no início dos anos 70 trás algumas novas preocupações em relação aos primeiros escritos, em que desenvolveu seu conceito clássico da deterioração dos termos de intercâmbio e postulava a necessidade da periferia industrializar-se para superar a condição periférica. Na verdade, Prebisch não abandona suas idéias iniciais, apenas desenvolve novas preocupações, em especial na crítica do padrão de desenvolvimento voltado para dentro, ou seja, a forma como a industrialização se desenvolveu na periferia, assim como temas relacionados a questões de ordem sociológica, em especial, quanto a necessidade de reformar estruturalmente o sistema na busca de uma maior equidade. Na sua crítica ao capitalismo periférico, Prebisch busca os determinantes do desenvolvimento da periferia, e procura mostrar as dificuldades que estão no plano interno e não apenas externo. *"É chegado o momento de abandonar a tão freqüente atitude de atribuir exclusivamente a fatores externos o ritmo insuficiente de desenvolvimento latino-americano, como se não existissem importantes fatores internos como obstáculo.(...)"*(Prebisch, 1973 pág. 10)

2.1.1- Limitações internas ao desenvolvimento: a insuficiência dinâmica

A partir desta constatação de que existem obstáculos internos ao desenvolvimento latino-americano, Prebisch (1973) desenvolve o conceito de insuficiência dinâmica, destacando que os países latino-americanos não poderiam mais deixar de intervir no curso do desenvolvimento dos seus países, uma vez que os problemas e contradições tendem mais a piorar do que a corrigir-se de forma espontânea.

(...) tornaram-se cada vez mais perceptíveis as conseqüências destas contradições, inclusive a que surge entre o extraordinário crescimento da população e os fatores que limitam a acumulação de capital. (...) só uma parte da força de trabalho é absorvida produtivamente. Uma proporção elevada torna-se ociosa nos campos, onde foi e continua sendo grave este fenômeno, e a gente que emigra continuamente para as cidades apenas desloca no âmbito geográfico essa ociosidade: vai engrossar, para a além do necessário, a gama heterogênea dos serviços (....) É uma absorção espúria, e não genuína, da força de trabalho, quando esta não fica completamente desocupada. Este fenômeno caracteriza a insuficiência dinâmica da economia latino-americana. Seu ritmo de desenvolvimento não foi capaz de responder às exigências peremprórias da expansão demográfica e é enorme o potencial humano que se desperdiça de uma ou outra forma, em detrimento da economia, da equidade distributiva e da convivência social."(Prebisch, 1973 pág. 3)

Aqui, surgem dois conceitos revestido de maior importância na análise de Prebisch nos anos setenta: força de trabalho "excedente" e absorção espúria. Dentro de sua análise original, Prebisch enfatizava a absorção insuficiente da força de trabalho subempregada por parte das atividades primário-exportadoras; agora, mostra que com o modelo voltado "para dentro" permanece este contingente, ou seja, que o ritmo de absorção da força de trabalho continua insuficiente, não obstante a periferia tenha se industrializado.

Neste sentido, Prebisch (1976) destaca os principais fatores da insuficiência dinâmica, como sendo o ritmo insuficiente de acumulação, além da adoção de tecnologias inadequadas, da influência das formas de consumo e investimento, sem esquecer das disparidades na capacitação da força de trabalho. Sendo assim, a grande tarefa da América Latina seria a da transformação e do desenvolvimento, para superar a insuficiência dinâmica destas economias. Para ele, o crescimento dos estratos inferiores além de contribuir para tensão social nas cidades e para o aumento do conflito distributivo, seria o desperdício de um mercado potencial, para a indústria e para a agricultura, além de limitar o avanço do processo de substituição de importações. Prebisch (1973) argumenta que:

(...) a integração social das massas em atraso é problema básico da América Latina. Não é apenas um imperativo social e político. É também imperativo econômico, porque a elevação progressiva de seu poder de consumo abrirá nova fronteira para a industrialização, fronteira que ampliará o mercado interno. (...) crescerá notavelmente a demanda interna, cuja deficiência, além de ser um dos fatores principais do lento crescimento da produção agropecuária, perturba o avanço da industrialização, à medida que enfraquece o impulso resultante da substituição de importações. (Prebisch, 1973 pág. 245)

Neste contexto, são objetivos inseparáveis, a absorção da força de trabalho ociosa, a melhoria técnica com vistas a aumentar os níveis de produtividade, além da aceleração do ritmo de desenvolvimento; isto é, uma maior homogeneização do sistema visando, portanto, eliminar a heterogeneidade estrutural característica das economias da região. A partir destas considerações, Prebisch defende a necessidade de transformações estruturais para atingir um ritmo de desenvolvimento mais elevado.

2.1.2-Transformações na estrutura econômica e social:

2.1.2.1- A reforma da estrutura agrária

Prebisch (1973) defende mudanças na estrutura agrária, através de uma reforma agrária, que contribuiria, entre outras coisas, para o aumento do produto per capita na agricultura. *"(...) esta transformação na estrutura agrária transfere para o camponês - ao menos em parte - a renda do solo que o dono da terra antes recebia e também lhe permite reter nas mãos os frutos da melhoria técnica, sempre que a demanda seja suficiente e se torne mais racional o regime de comércio dos produtos agrícolas."* (Prebisch, 1973 pág. 94) Contudo, a melhoria técnica e o melhor aproveitamento da terra tenderiam a acentuar a necessidade de transferir para outras atividades a força de trabalho ociosa. Segundo ele, o êxodo rural e a concentração excessiva da

população em poucas cidades, agrava o problema da marginalidade urbana, dada a incapacidade da absorção produtiva desta força de trabalho.

2.1.2.2- Reforma na estrutura industrial e estratégias de desenvolvimento

Além de mudanças na estrutura agrária, Prebisch defende a necessidade da indústria, através de sua expansão, absorver a força de trabalho que emigra da agricultura. Assim, o uso da capacidade ociosa da indústria seria um primeiro passo; num segundo momento, a expansão da produção num ritmo elevado permitiria esta incorporação com maior rapidez. Outro fator importante, segundo Prebisch, seria a concorrência externa, dentro do contexto interlatino-americano, principalmente no que se refere ao aumento da produtividade. Além disso, Prebisch (1973) critica claramente a forma que a industrialização tomou:

(...)São bem conhecidas as falhas dos sistemas de posse e uso da terra. Vão ficando cada vez mais evidentes as de uma industrialização fragmentada - salvo pouquíssimas exceções - em microcosmos desvinculados entre si e altamente protegidos. Deve-se transformar a estrutura da indústria e, concomitantemente, a do comércio externo. São transformações indispensáveis para abrir caminho ao progresso técnico, contribuir para a equidade distributiva e promover a mobilidade social.(pág. 245)

As principais falhas da industrialização latino-americana seria o fato de estarem voltadas excessivamente para o mercado interno, em detrimento das exportações de manufaturados, além da substituição de importações estar mais voltada para bens de consumo. Disto decorre um terceiro problema: uma estrutura industrial diversificada mas concentrada na produção de bens de consumo impõem uma carga pesada de importações de produtos intermediários para poder funcionar.

Um outro ponto importante é que com a aceleração do ritmo de crescimento do produto tem-se modificações importantes na composição da demanda, que pressionam também a capacidade de importar. Neste sentido, para fazer frente a este problema, Prebisch (1973) sugere que *"Não há outra possibilidade senão a de aumentar intensamente as exportações de manufaturas para o resto do mundo e continuar, com muito mais vigor que no passado, a política substitutiva de importações. Mas, no nosso entender, dadas as atuais condições da América Latina, esta política substitutiva terá de se basear resolutamente na integração regional e sub-regional das indústrias básicas."* (pág. 99) Deve-se destacar que as exportações de manufaturas teriam para ele grande potencial dentro do mercado latino-americano. O autor dá grande ênfase à necessidade de uma integração regional ou sub-regional, visando a criação posterior de um mercado comum como aceleradoras do desenvolvimento. *"(...) Pois a integração social interna e a nova fronteira industrial implicam na aceleração do desenvolvimento e esta não poderá ser atingida sem a integração das indústrias básicas, no contexto do comércio recíproco, além de dar grande impulso às exportações para o resto do mundo."* (Prebisch, 1973 pág. 252) Aqui, Prebisch destaca também o papel do investimento privado externo através da transferência de tecnologia e do conhecimento de mercados externos, o que contribuiria também para o desenvolvimento das exportações industriais.¹⁸

Cabe destacar também, que Prebisch ressalta a necessidade de criar estratégias nacionais, específicas, sendo sua contribuição em termos de identificação geral dos problemas latino-americanos, contando cada país com suas especificidades, as quais teriam de ser consideradas.

¹⁸ Essa perspectiva do autor modificar-se-á, no entanto, pela pressão das remessas sobre o Balanço de Pagamentos, como ver-se-á mais à frente.

2.1.2.3- Mudanças na estrutura social e os investimentos estrangeiros

As mudanças na estrutura econômica contribuiriam para mudanças no âmbito social. Segundo Prebisch (1973) o problema da distribuição de renda agrava-se com a insuficiência dinâmica, sendo assim, dever-se-ia combatê-la para obter êxito numa política redistributiva. A correção das disparidades de renda entre os diferentes estratos sociais, assim como entre a cidade e o campo seria objeto de ação do Estado, dado que o jogo espontâneo das forças de mercado não tem condições de promover uma distribuição de renda mais equitativa. Ou seja, caberia ao Estado corrigir estas disparidades sociais e geográficas mediante a eliminação da insuficiência dinâmica.

O autor confere também à mobilidade social papel significativo para o desenvolvimento econômico, quando sugere que *"Assim como a mobilidade social efetiva é de grande importância, tanto na aceleração do desenvolvimento econômico quanto no desenvolvimento político dos países latino-americanos, também o é na consecução e na consolidação de modalidades de convivência internacional diferentes das que agora prevalecem."* (Prebisch, 1973 pág 147) Isto porque ele considera necessária a criação de condições para que a iniciativa e a capacidade criadora da gente do país possa ser exercida no sentido de desenvolver suas aptidões no campo da técnica e da economia, o que exigiria novas posturas quanto ao investimento privado estrangeiro. A idéia essencial é de que o investimento estrangeiro privado teria o papel de ajudar a periferia a vencer sua inferioridade tecnológica e não contribuir para prolongá-la. Neste sentido, *"(...) a mobilidade social não é apenas questão de educação e adestramento técnico, mas também de possibilidades tangíveis de chegar a fazer o que sabem fazer os que vêm de fora."* (Prebisch, 1973 pág. 147). Portanto, a difusão de técnicas tem estreita ligação com a

educação, uma vez que o estímulo a capacidade criadora viria através de programas educativos. A prioridade seria portanto, segundo Prebisch (1973), a busca de autonomia técnica e financeira para a iniciativa privada nacional, o que seria fundamental para o desenvolvimento nacional. Além disso, a política de investimentos estrangeiros deveria ser norteadada pelo princípio da autonomia nacional, sendo seletiva no sentido de estabelecer campos de ação para o capital estrangeiro. Neste contexto, o autor estabelece que

(...) a política de investimentos diretos estrangeiros deveria ser compatível com uma consideração fundamental de autonomia nacional nas decisões importantes para um país. Para apoiar a iniciativa latino-americana, é indispensável levar a cabo intenso esforço de adaptação e criação tecnológica, sem o qual a América Latina não poderá aproveitar ao máximo seus próprios recursos, nem superar a subordinação técnica, no vasto processo de transferência da tecnologia mundial. (Prebisch, 1973 pág.253)

A preocupação central está então, na ascensão econômica e social dos elementos dinâmicos da sociedade latino-americana frente à iniciativa privada estrangeira.

2.1.3-A disciplina do desenvolvimento

2.1.3.1- O conceito central

A aceleração do ritmo de desenvolvimento não é tarefa simples. Segundo Prebisch (1973) *"Necessita-se de uma verdadeira disciplina do desenvolvimento na concorrência, no comércio recíproco, na promoção de exportações, na acumulação de capital e na ação do Estado para impulsionar com decisão as transformações de que se precisa."*(pág.255) Neste sentido, seria necessário uma disciplina para elaborar e por em prática um plano de desenvolvimento nacional. Seria uma estratégia de transformação e desenvolvimento, cabendo ao Estado trabalhar de forma

consciente e deliberada sobre as forças de mercado para imprimir maior ritmo ao desenvolvimento, bem como para conseguir dar-lhe forte sentido social. Neste contexto, investimentos em infra-estrutura econômica e social tem papel importante dentro desta política expansiva. O autor dá relevo ainda, a uma visão de longo prazo, sem esquecer contudo, das questões imediatas, como as tensões sociais advindas do contexto de insuficiência dinâmica.

2.1.3.2 - Acumulação, poupança e cooperação internacional

Prebisch (1973) destaca ainda, que uma estratégia nacional de aceleração do ritmo de desenvolvimento requer aumento no coeficiente de recursos internos de investimento, até que, com o passar do tempo, este esforço englobe o total de recursos necessários. A idéia é de que os recursos internacionais seriam necessários nas fases iniciais e para cobrir as deficiências nos níveis de poupança e acumulação internos. *"Este esforço tem de se realizar principalmente com poupança nacional. Os recursos financeiros internacionais não poderão substituí-lo, porém deverão contribuir para estimulá-lo, sobretudo nos primeiros tempos."* (Prebisch, 1973 pág. 247)

O financiamento externo, deveria estar, segundo o autor, vinculado a uma visão de longo prazo, objetivando financiar os planos de desenvolvimento. Dentro desta perspectiva, Prebisch (1973) sugere que *"(...) esta política de cooperação internacional não poderia estar inspirada em considerações ocasionais de ordem política ou comercial, mas sim numa visão de longo alcance das relações dos países latino-americanos com os desenvolvidos, (...) em que se procure encontrar coincidência de interesses em pontos fundamentais de índole econômica e política."* (pág. 248) Outro ponto fundamental para o autor, seria que a cooperação financeira internacional estivesse cada vez mais ligada a canais multilaterais, o que possibilitaria maior

autonomia nacional, além de estar mais voltada para financiamentos de longo prazo dos projetos nacionais de desenvolvimento, aumentando o volume de recursos e reduzindo a carga de remessas financeiras.

Desde seus primeiros escritos, Prebisch destaca a necessidade de combinar o esforço interno com a cooperação internacional como forma de alcançar o desenvolvimento da periferia. A novidade nos anos setenta diz respeito ao maior ordenamento e adequação das idéias com vistas a elaboração de medidas concretas, o que poderia ser explicado pela experiência adquirida pelo autor à frente da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento).

Dada a necessidade de elevar o nível de acumulação, surge a preocupação com uma das características essenciais do capitalismo periférico: a imitação das formas de consumo dos centros e a conseqüente debilidade dos níveis de poupança e acumulação. Logo, seria necessário estimular a poupança e melhorar as formas de captação, inclusive via tributação como instrumento de acumulação por parte do Estado. Além disso, o desenvolvimento do mercado de capitais e a difusão de instrumentos diferenciados de captação de poupança permitiria maior eficácia neste sentido, uma vez que proporcionaria maior alcance, inclusive para captação de poupança dos estratos médios e inferiores. Os estratos inferiores também poderiam participar da poupança, mediante estímulos para a moradia popular. A preocupação central do autor parece estar claramente voltada para a insuficiência de poupança no sistema.

Prebisch (1973) destaca ainda, que o mau uso dos recursos produtivos, seja a terra concentrada, os bens de capital aplicados de forma deficiente, a mão de obra ociosa, contribuem para o que ele chama de círculo vicioso: *"(...) a economia não poupa o que deveria poupar, porque desperdiça este potencial de elementos produtivos; e desperdiça esses elementos produtivos, porque não poupa mais. É preciso romper esse círculo vicioso, o que não será conseguido sem um grande estímulo inicial que ponha em marcha o mecanismo de aceleração.*" (pág. 131) Para ele, aumentar o volume de poupança é essencial, em especial na América Latina com tantas "necessidades insatisfeitas de investimento" (pág. 134) ao invés de estimular o consumo dos grupos de renda superior através dos meios de comunicação de massa ou incentivos de crédito de toda ordem; uma vez que desta forma é desperdiçado um importante potencial de poupança.

A disciplina do desenvolvimento seria fundamental, portanto, a fim de se alcançar um maior desenvolvimento e superar as deficiências do capitalismo periférico. Prebisch (1973) sintetiza de forma clara esta idéia:

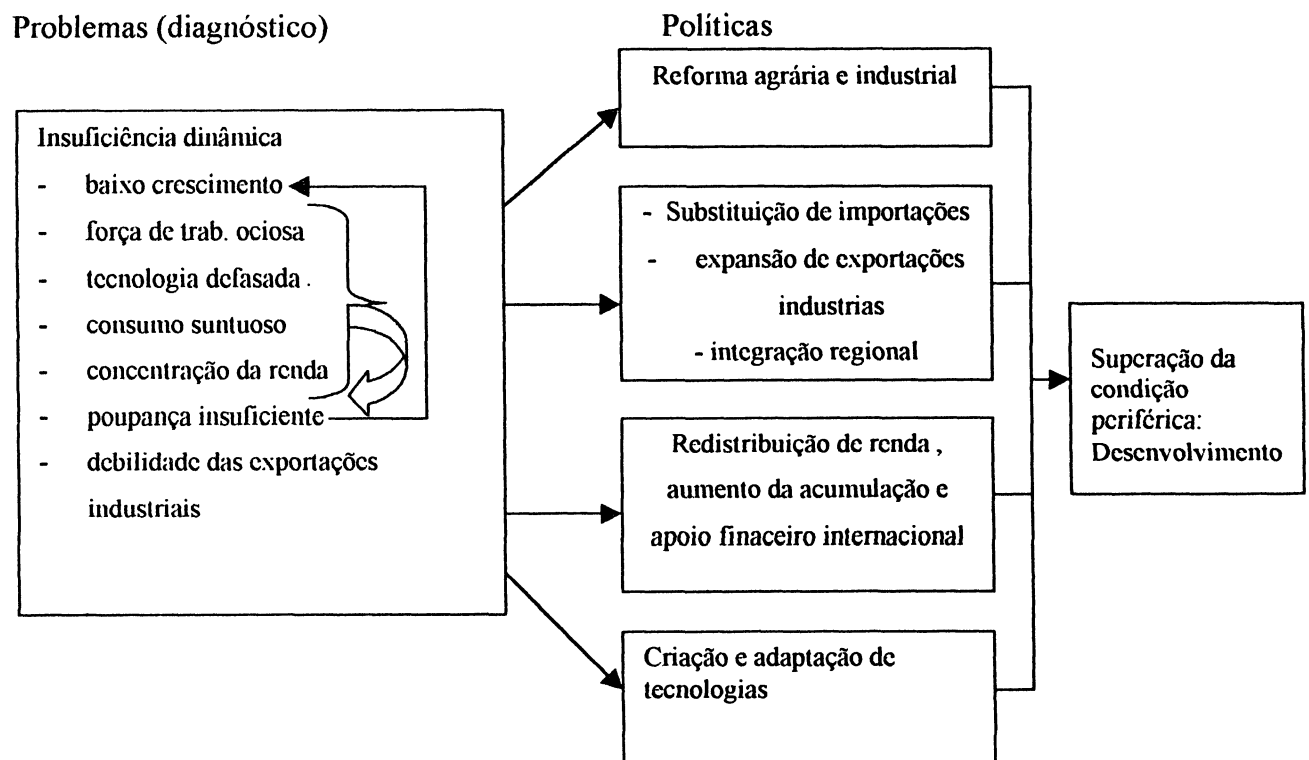
(...) chamamos disciplina do desenvolvimento, designando com isso o esforço persistente e sistemático que se terá de realizar, além das transformações estruturais que abram caminho para as forças do desenvolvimento. Disciplina para vencer o estrangulamento externo, empregar eficazmente os recursos do exterior e acumular cada vez mais, com recursos próprios, o capital necessário para atingir a aceleração do desenvolvimento. Disciplina para adaptar, assimilar e criar tecnologia. Disciplina, enfim, para executar um plano de desenvolvimento econômico e social que abarque esses e outros aspectos primordiais. (pág. 122)

Dentro desta perspectiva, os trabalhos de Prebisch na década de 70¹⁹ traduzem uma preocupação com os destinos que o desenvolvimento da periferia latino-americana tomou, ou seja, com as frustrações do desenvolvimento periférico. Para o autor, além de não se ter um ritmo de crescimento adequado, a exclusão social e os níveis de pobreza na América Latina passam a ser alarmantes, abarcando grande parcela da população destes países. Neste sentido, sua posição é

¹⁹ Principalmente Prebisch (1973); (1976) e (1978).

de que há necessidade de uma política nacional para superar estas disparidades sociais e também econômicas, sem o que não seria superada a questão do subdesenvolvimento. A Figura 1 resume os principais preocupações de Prebisch nos anos setenta.

Figura 1 - O pensamento de Prebisch pré-crise:



2.2 - ANOS OITENTA: CRÍTICA AO CAPITALISMO PERIFÉRICO

Nos anos 80, a sua posição é menos otimista e está mais voltada para a tentativa de compreensão da crise do sistema capitalista como um todo e a inserção da periferia neste

contexto de crise. Diversos trabalhos dos fins dos anos 70 já dão algumas pistas neste sentido, mas suas idéias essenciais a respeito estariam em seu último livro "Capitalismo periférico: crisis y transformación" de 1981, no qual expõem suas preocupações, em especial com o excedente econômico e seus usos e com a necessidade de transformar o sistema de modo a torná-lo mais justo e também mais dinâmico em termos econômicos.

2.2.1-A preocupação com a dinâmica do excedente e a crise dos oitenta

A crise dos anos 80 é vista por Prebisch de duas perspectivas. Primeiramente, como um desequilíbrio interno, que seria expresso pela redução do ritmo de acumulação. De outro lado, um desequilíbrio externo entre as relações comerciais dos centros com a periferia.

Segundo Prebisch (1985), o que se observa nos centros na crise dos oitenta é uma dinâmica do sistema que privilegia o consumo e não a acumulação. Isto se deve ao fato de que com o processo de desenvolvimento, a força de trabalho obtém através dos sindicatos ou mesmo do Estado, condições de participar de forma mais significativa dos frutos do progresso técnico. A melhoria na renda da força de trabalho faz com que haja uma redução no ritmo de acumulação, uma vez que existem incentivos muito grandes para consumir. O próprio progresso técnico contribuiu para um fortalecimento do consumo, dado que as inovações voltam-se massivamente para a produção de novos bens e serviços ou simplesmente aumentam a disponibilidade dos mesmos bens e serviços. Como bem argumenta Prebisch (1985) "(...) *hoy el crecimiento del consumo, impelido por la diversificación, constituye un obstáculo considerable a la acumulación de capital, cuyas consecuencias se manifiestan en la tendencia al desequilibrio dinámico que*

caracteriza en general al capitalismo contemporáneo." (pág. 71) Para ele, o aumento no consumo reduz a ritmo de acumulação reprodutiva, o que reduz o crescimento do emprego, da renda e da produtividade. O desequilíbrio entre gastos e acumulação, dadas as alterações na estrutura social e de poder, estariam levando o capitalismo à crise.

La dinámica del sistema depende pues del crecimiento del excedente y éste, a su vez, se basa sobre la desigualdad social. Y cuando el desenvolvimiento del sistema trata de corregir esta desigualdad, termina vulnerándose internamente el excedente y se resiente el ritmo de acumulación reproductiva con serias consecuencias dinámicas. Obviamente, si el progreso técnico-acrece la producción, es para consumir más. Allí no radica el problema, sino en la tendencia del consumo crecer con celeridad mayor que la acumulación. (Prebisch, 1985. Pág.66-67)

A apropriação desigual dos frutos da crescente produtividade é característica do capitalismo periférico (heterogeneidade estrutural). Este fenômeno provém do fato de que as remunerações da força de trabalho crescem a um ritmo inferior ao da produtividade, sendo que o excedente²⁰ cresce de forma mais intensa, devido ao fato que a este agregam-se os sucessivos incrementos de produtividade. Esta seria a dinâmica da sociedade opulenta de consumo, a qual está baseada na falta de eficácia social. Segundo Prebisch (1981a) isto não quer dizer que o sistema funcione mal, mas sim que é um sistema socialmente vicioso. Neste sentido, o autor defende que este problema, da desigualdade ou falta de dinamismo, não tem solução²¹ dentro do sistema vigente.

A vulnerabilidade externa do centro se refere à competição, naquele momento, dos produtos industrializados provenientes da periferia, os quais embora elaborados com técnicas menos avançadas possuem preços baixos. Apesar deste fenômeno não alcançar dimensões

²⁰ Este conceito será definido na sequência do trabalho.

²¹ Mais adiante será desenvolvida a idéia de Prebisch sobre a solução desta questão, ou seja, a transformação do sistema.

altamente significativas, os centros passam a restringir as importações da periferia²², o que priva esta das divisas necessárias para a obtenção de bens diversificados com maior conteúdo tecnológico, que não podem produzir dado o retardo histórico de sua industrialização. De acordo com Prebisch (1985) esta maneira de defesa do excedente por parte dos centros é contraproducente, uma vez que privaria o centro e a periferia das vantagens do intercâmbio internacional. A solução, segundo ele estaria no "uso social" do excedente:

La solución del problema consiste ante todo en que el excedente desempeñe con la mayor eficacia posible su papel dinámico, esto es, que se consiga elevar el ritmo de acumulación y emplear con creciente productividad e ingresos cada vez mayores el incremento de la fuerza de trabajo así como la que ha quedado relegada con inferior productividad en el fondo de la estructura de la sociedad. Se impone el uso social del excedente económico. (pág. 67)

Isto requeriria uma regulação macroeconômica do ritmo de gastos e de acumulação, isto é, não dedicar ao consumo presente, o que destinar-se-ia à acumulação do sistema. Neste contexto, cabe definir o conceito de excedente que está por traz da análise de sua análise. De acordo com Prebisch (1973) *"Podríamos definirlo como aquella parte del fruto de la creciente productividad que, en la medida en que no fue compartido por la fuerza de trabajo en el juego espontáneo del mercado, tiene a quedar en manos de los propietarios de los medios productivos, además de la remuneración de su trabajo empresarial en virtud de su capacidad, iniciativa y dinamismo, así como del riesgo que corren. "* (pág. 56) Cabe ressaltar que o autor diferencia esta idéia de excedente com o lucro empresarial. Segundo ele, nem todo lucro provém de aumentos de produtividade; além do que o conceito de excedente abarcaria também os juros do capital das empresas donde surgem.

²² Note-se que Prebisch escreve num contexto de crise internacional em que o centro adota cada vez mais medidas

2.2.2-Excedente *versus* consumo e o fenômeno da inflação social

Como na periferia permanecem os fenômenos da heterogeneidade estrutural, e um crescimento demográfico diferenciado entre os países, Prebisch (1985) evidencia que as diferenças nos níveis de produtividade entre os diferentes segmentos do sistema, fazem com que os frutos do crescimento da produtividade fiquem retidos nas empresas, e não pela força de trabalho, em especial, não por aquela parcela empregada em segmentos menos dinâmicos. Se o capitalismo na periferia fosse austero, isto significaria aumento no nível de acumulação reprodutiva do sistema, uma vez que estaria disponível uma maior excedente relativo. Contudo, a imitação das formas de consumo do centro comprimem o excedente; inclusive quando a força de trabalho melhora a sua renda, a qual destina-se primordialmente ao consumo privado. Neste contexto, afirma Prebisch que:

(...) la tendencia al desequilibrio dinámico interno entre el ritmo del gasto y el de la acumulación reproductiva acentuados por el fuerte ritmo de crecimiento demográfico, aparezca prematuramente en la periferia en cotejo con lo que ocurría en los centros en etapas similares de su evolución estructural, y que la inflación social emergente de este fenómeno se haya anticipado también a ellos y adquirido a la vez mucho mayor amplitud. (pág. 72)

Prebisch já preconizava a importância do excedente e o fenômeno da inflação social em trabalhos do início da década dos 80²³. De acordo com Prebisch (1981a)

El excedente, bien lo sabemos, es la fuente primordial de acumulación. De ahí esa exigencia dinámica fundamental del sistema: tiene que crecer continuamente para que también se acreciente la acumulación y, asimismo, el consumo privilegiado. El cumplimiento de esta exigencia dinámica se vuelve cada vez más difícil, hasta llegar a ser imposible, cuando se despliega con vigor el poder de compartimiento de la fuerza de trabajo y su amplitud de resarcimiento. (...) Sobreviene así la inflación social, con el andar del tiempo, cuando el sistema trata de restablecer la dinámica del excedente con la subida de los precios, a la cual sigue el alza de las remuneraciones en la consabida espiral. (pág. 125-126)

proteccionistas.

²³ Em seus trabalhos da década de 70 Prebisch também enfatiza a questão do excedente e a questão distributiva; idéias que estariam mais bem acabadas em Prebisch (1981a).

Segundo o autor, a inflação social é uma clara expressão da crise do sistema, sendo que as autoridades monetárias não podem fazer nada de positivo para combater a espiral, uma vez que ela emana das mutações estruturais e das relações de poder no sistema. O único instrumento possível para enfrenta-la é a restrição creditícia, a qual teria consequências contraproducentes, uma vez que caracterizaria um desperdício de recursos produtivos. Quando a força é empregada com o intuito de reduzir ou suprimir o poder redistributivo da força de trabalho e o processo de inflação social persiste, devemos este fenômeno à formas tradicionais de inflação ou fatores internos ou externos que elevam os preços. Neste contexto, o autor preconiza a necessidade de transformar o sistema no que tange à sua disciplina de acumulação e distribuição.²⁴

De acordo com Prebisch (1985) a solução para este problema é mais ética do que científica. Se o excedente pertence a sociedade em seu conjunto, deve ser empregado de acordo com princípios éticos. É essencial, segundo ele, que esta distribuição norteada pelos princípios da ética seja dinâmica. Deste modo requer-se que parte acentuada dos frutos do progresso técnico dedique-se à acumulação do capital reprodutivo, apenas assim, pode o progresso técnico penetrar profundamente na estrutura da sociedade, levando a toda a coletividade os seus frutos. Esta seria, de acordo com ele, a "ética do desenvolvimento": distribuição equitativa e acumulação. Objetivos, que não podem ser obtidos simplesmente através do mercado, ou seja, requer-se uma regulação (a nível macro) do excedente e seu uso social.²⁵

²⁴ PREBISCH (1981a)

²⁵ Este ponto será melhor elaborado à seguir.

2.2.3-Crise "teórica" e as estratégias para a periferia

Prebisch (1985) enfatiza ainda que interpretar a crise do capitalismo atual a luz das teorias convencionais leva a grandes frustrações, tanto em termos de idéias como de ações. Segundo ele, é imperativo elaborar uma teoria geral do desenvolvimento que integre de uma só vez centro e periferia, como parte de um mesmo sistema. Esta teria elementos não apenas econômicos, incluindo também elementos técnicos, sociais, culturais, políticos, todos ligados entre si mediante relações de mútua dependência.

Para Prebisch, os anos 80 trazem para a América Latina uma combinação de fatores adversos para o seu desenvolvimento. Ou seja, uma crise interna somada a uma crise internacional prolongada. O Estado tem papel decisivo neste momento, devendo assumir a tarefa complicada mas necessária de regular o excedente, visando a sua recuperação. Ao contrário, se se curva aos designios dos EUA e do FMI e abre os mercados aos bens importados, estará agravando o desequilíbrio externo; uma vez que o autor não crê na reciprocidade das medidas. Portanto, o caminho seria continuar a política substitutiva: "(....) *la periferia debiera continuar su política sustitutiva. En verdad, acentuar esta política constituye una exigencia ineludible del desarrollo, sobre todo si se há de elevar su ritmo. (....)*" (Prebisch 1985, pág. 88). O autor acrescenta ainda que "*A esta altura de la evolución industrial de la periferia, especialmente de los países que más avanzaron, sería indispensable realizar este proceso sustitutivo en mercados más amplios que los nacionales mediante la producción concertada entre diversos países y el intercambio recíproco.*" (Prebisch 1985, pág. 88). Para ele, deve-se encarar este processo de forma dinâmica. Tanto a expansão de exportações, quanto as indústrias substitutivas trariam uma

capacidade tecnológica e empresarial crescente, o que favoreceria o excedente, permitindo evoluir até indústrias de tecnologia mais avançada. Desta forma, os países periféricos teriam novas formas de intercâmbio com os centros. Neste ponto parece surgir uma certa complementariedade entre o processo de substituição de importações e de expansão de exportações, na medida em que as exportações industriais atenuariam o desequilíbrio externo e estariam adequando-se à nova estrutura industrial. Visto desta maneira, nos parece que o autor vê a tecnologia ou as inovações como simples consequência da incorporação de bens de capital ao processo produtivo²⁶. Prebisch (1981a) define: "El concepto de productividad concierne al esfuerzo humano cada vez menor que se requiere para producir una misma cuantía de bienes y servicios gracias al aumento del capital en bienes físicos, en los cuales se concentran las innovaciones tecnológicas." (pp. 65)

No que se refere à agricultura, a incorporação de progresso técnico reflete-se numa redução de preços que é repassada ao consumidor final, tornando vulnerável a posição dos produtores. Na Comunidade Européia e EUA os governos tomam medidas para proteger os produtores rurais, o que condenam quando a periferia faz. Na realidade, são interesses diferentes; a queda dos preços dos produtos primários interessa ao centro, uma vez que aumenta seu excedente, enquanto que a queda do preço das manufaturas da periferia os torna vulneráveis externamente.

A liberalização econômica e financeira preconizada pelos centros, não traria, segundo ele, benefícios à periferia, dado que as atividades mais fortes dos centros prevaleceriam em detrimento do desenvolvimento integral da periferia. Segundo Prebisch, deve-se encontrar novas fórmulas e coincidências de interesses entre centro e periferia. Uma política de investimentos

²⁶ Como veremos adiante esta é uma diferença fundamental entre a análise de Prebisch e Fajnzylber.

estrangeiros, por exemplo, deveria ser norteadada pelo princípio de que esta contribua para elevar o ritmo de desenvolvimento periférico, ampliando assim suas vantagens comparativas. Ou seja, é importante manter a autonomia do desenvolvimento. "(...) Autonomía y coincidencia de intereses darán una base firme al objetivo de convivencia política. Tenemos que convivir con el centro principal y los otros centros, es un hecho incontrastable. La intensidad de su desarrollo es de importancia fundamental para la periferia." (Prebisch 1985, pág. 89)

2.2.4- A transformação do sistema: o uso social do excedente

Prebisch (1981a) defende a posição de que, com o regime de apropriação e acumulação vigentes, não é possível superar a crise. Portanto, seria imperativo transformar o sistema. Estas idéias sobre a necessidade de transformação²⁷ estão presentes também em Prebisch (1982a): "(...) *Se necesita transformar el sistema para lograr un desarrollo regular y sostenido, con equidad distributiva y genuino restablecimiento del proceso de democratización.* " (pág. 78). Também Prebisch (1983b) destaca esta necessidade: "*Me parece que la transformación del sistema es inevitable si queremos combinar el desarrollo económico con la equidad social y el adelanto político.*" (pág. 1096). Assim como, em outras perspectivas, já nos trabalhos dos anos 70:

Esta transformação do sistema teria características muito especiais, na medida em que equivaleria a uma mistura entre mercado e Estado, liberalismo e socialismo, decisões individuais e coletivas. Como bem sintetiza Prebisch (1981a) :

(...) Creo que hay de llegar a una síntesis entre socialismo y liberalismo que nos asegure el vigor del desarrollo, la equidad distributiva y la progresiva democratización con todos sus valores inherentes. Socialismo, en cuanto debieran ser objeto de decisiones colectivas el ritmo de acumulación de capital y la distribución del ingreso a fin de corregir las disparidades estructurales. Y liberalismo en lo que atañe a las decisiones individuales de producir y consumir, a no ser por consideraciones que, como las de preservación ecológica, tendrían que tomarse también por decisión colectiva. (...) (pág. 286-287)

Para que a transformação seja possível, as mudanças na estrutura de poder político são inevitáveis. Isto não quer dizer que o excedente seria transferido para a mão do Estado, e sim que o seu uso social corresponderia ao seu uso racional entre acumulação, consumo e gastos do Estado de acordo com um plano elaborado tecnicamente e aprovado de modo democrático. Prebisch (1981a) acrescenta ainda que o objetivo primordial do plano é "*(...) elevar el ritmo de acumulación de capital en bienes físicos y formación humana, a fin de aumentar intensamente el empleo con creciente productividad y lograr en esta forma una redistribución dinámica del ingreso.*" (pág. 290) Segundo o autor, a tendência à concentração do capital deveria ser combatida mediante uma difusão social do novo capital, ou seja, uma proporção crescente do novo capital deveria corresponder aos trabalhadores a medida que processa-se a redistribuição. De acordo com Prebisch (1981a pág. 292) a alteração na composição social do capital abriria caminho para a gestão autônoma, tanto nas empresas grandes, como nas pequenas e médias (embora de modo paulatino) e também nas empresas públicas. Esta gestão autônoma dar-se-ia através de um conselho diretivo com representantes dos diferentes segmentos da empresa: pessoal superior e diretores, técnicos, empregados qualificados e menos qualificados, e também representantes do Estado na medida em que a empresa tiver recebido algum incentivo deste para sua ampliação ou renovação.

²⁷ Estas idéias são também desenvolvidas em Prebisch (1980).

A empresa estrangeira é um problema segundo o autor, na medida em que o uso de parte do excedente se realiza fora da jurisdição do país. Neste sentido Prebisch aconselha utilizar-se um regime especial para estas empresas. Segundo ele *"En todo esto el Estado tendrá que proceder con criterio estrictamente selectivo, tanto en lo que concierne al establecimiento de nuevas empresas extranjeras como al desplazamiento de la propiedad a manos nacionales del país, cuando se hubiera formado la capacidad técnica y económica para manejarlas en un régimen de gestión autónoma."* (Prebisch 1981a, pág 297)

Neste momento, modifica-se a perspectiva do autor em relação aos investimentos estrangeiros diretos se comparado às suas análises iniciais. Nos anos oitenta, não obstante reconheça a importância ainda do capital estrangeiro, Prebisch (1981a) depara-se com algumas contradições: as transnacionais²⁸ colaboraram mais na internacionalização do consumo da periferia do que para a internacionalização da produção e, apesar de terem colaborado com o processo de substituição de importações, no sentido de corrigir o desequilíbrio externo, tendem agora a acentuá-lo através de remessas de lucros, as quais superam as novas entradas de capital. Daí a necessidade de estabelecer novas regras para o capital estrangeiro privado.

Se o processo de difusão social do capital for muito lento, o autor assinala que continuará a tendência à concentração e o período de transição até a gestão autônoma dilatar-se-á. Prebisch (1981a) adverte ainda, que poderiam ocorrer reações ao processo por parte dos empresários, uma vez que poderiam perder os incentivos para obter maior produtividade e lucros, dado que isto conduziria mais rapidamente à gestão autônoma. O autor deixa claro que *"(...) no estoy*

²⁸ Prebisch (1981a) pág. 190/91.

presentando proposiciones definitivas en cuanto a la manera de usar socialmente el excedente, sino explorando fórmulas que someto nuevamente a la crítica. "(Prebisch, 1981a pág. 300).

O consumo privilegiado poderia ser o destino da renda dos proprietários a partir dos lucros do capital. Para evitar que os grandes proprietários venham a alocar grandes montantes neste item, Prebisch (1981a) sugere a aplicação de um imposto progressivo por parte do Estado. Os recursos assim captados comporiam o excedente global e o plano estabeleceria sua destinação dentro dos objetivos propostos. Este imposto deveria abarcar também, segundo ele, as remunerações e participações, apesar de que com taxas menores para não prejudicar os incentivos à produtividade.

Outra preocupação do autor seria a dificuldade em processar uma redistribuição equitativa e dinâmica da renda, dado o jogo de interesses imediatos. Isto por que segundo ele, os interesses de mais longo prazo beneficiariam a todos, ou seja, no longo prazo haveria uma convergência de interesses. (Prebisch, 1981a pág. 303) De acordo com o autor, teríamos também a necessidade de agregar à distribuição dinâmica uma distribuição direta da mesma, contudo, evitando o comprometimento do excedente e consequentemente da eficácia social da transformação. Como bem argumenta Prebisch (1981a):

Todo esto atañe a lo que hemos llamado la distribución dinámica del ingreso, esto es, la que se logra mediante la transferencia de fuerza de trabajo a ocupaciones de mayor productividad. Pero ello no basta para conseguir la eficacia social en el largo periodo de transición que requiere el desplazamiento hacia arriba de los estratos de ingreso. De ahí la necesidad de la distribución directa. (...) si se pasa de ciertos límites, la parte del excedente que se dedica a este propósito se haría en detrimento de la acumulación de capital y la distribución dinámica, sin la cual llegaría a retardarse, sino comprometerse, la eficacia social de la transformación. (pág. 294)

Para que seja possível a transferência de força de trabalho para atividades de maior produtividade é necessário eliminar as diferenças funcionais através de um esforço em termos de formação humana, o que permitiria certa mobilidade social. Segundo Prebisch (1981a) esta é uma questão delicada; contrabalançar adequadamente a relação entre acumulação de capital físico e de formação humana. Se prevalecer a acumulação de capital físico, manter-se-á o poder social e as diferenças sociais de renda; e se a formação humana acelera-se ter-se-ia uma redundância de qualificações, na medida em que o ritmo de desenvolvimento não fosse suficiente para sua absorção. A grande tarefa seria portanto, tentar contrabalançar estes dois pontos de modo a avançar na transformação. Neste ponto, podemos encontrar certa ligação com a idéia da insuficiência dinâmica e sua superação elaborada nos anos setenta.

Como destacado anteriormente, Prebisch não descarta o mercado como parte do processo de transformação. Segundo ele, as alterações na distribuição renda, com compressão da renda dos estratos superiores e uma redistribuição aos estratos menos favorecidos através da distribuição direta ou maior emprego, provocariam mudanças na estrutura produtiva, sem necessitar que o Estado viesse a decidir o que produzir ou consumir. Para ele a liberdade econômica e pessoal são essenciais. *"(...) Es un derecho humano irrenunciable como los otros. La libertad de las empresas de responder a las exigencias del mercado y de los individuos de consumir lo que quieran sin regimentación el Estado."*(Prebisch, 1981a pág. 304).

Um questionamento possível é de que mediante a redistribuição da renda teríamos a transferência dos incentivos ao consumo dos estratos superiores para os inferiores, em especial devido à diversificação de bens e serviços e aos meios de comunicação de massa. Na realidade,

para ele, isto não seria um problema por que o consumo privilegiado é o que estava comprometendo o melhoramento do consumo do restante da sociedade. Se este consumo tornar-se tão desenfreado dada a influência dos meios de comunicação, Prebisch sugere o uso dos meios de comunicação para informar, educar e persuadir os cidadãos, visando contrapor-se às consequências negativas dos meios de comunicação de massa, uma vez que não poder-se-ia simplesmente privar as pessoas da liberdade de consumir. (Prebisch, 1981a pág. 304-5) Para tal ele sugere a propagação de valores humanos e princípios éticos que desaparecem com o consumo desenfreado e o jogo de mercado. Caberia a transformação criar as condições adequadas para a propagação destes valores, sem os quais a coesão social e a estabilidade do sistema estariam ameaçados. Prebisch (1981a) argumenta ainda que tais princípios não poderiam ser impostos pelo Estado através de qualquer tipo de coação, mas somente através da persuasão. Segundo ele, o Estado deveria sim ter uma ação decisiva sobre as necessidades básicas, em especial no que refere-se à medidas complementares à distribuição da renda, como incentivos ao melhor aproveitamento da terra para a produção de alimentos, estímulos à reordenação da produção, etc. De qualquer maneira isto não seria argumento para a produção por parte do Estado. Segundo Prebisch (1981a, pág. 306) "*Basta modificar el sistema de precios por el impuesto, el subsidio o ciertas medidas reglamentarias como sucede en materia de salud e higiene y en defensa de la biosfera, ya se trate de empleo racional de recursos naturales agotables o de la protección del medio ambiente.*" A intervenção do Estado estaria voltada para aspectos que o mercado não tem capacidade de resolver, como por exemplo, a dinâmica do excedente. Dentro dos princípios de racionalidade coletiva, o Estado deve determinar de que maneira o excedente repartir-se-á entre acumulação, consumo e serviços estatais. Dos critérios utilizados é que depende o êxito da transformação, uma vez que acumular cada vez mais é vital para a distribuição dinâmica da

renda. A planificação do uso do excedente deve ser elaborada no plano político e técnico, contudo, segundo Prebisch (1981a, pág. 312) as decisões fundamentais encontram-se no plano político. O plano deve ser estável e não rígido, de modo que possam ser incorporadas alterações para compatibiliza-lo com os objetivos, além do que deve estar vinculado ao regime fiscal do Estado. Prebisch destaca também a função das empresas em termos de acumulação, contudo, destaca a função dinâmica do Estado no sentido de promover a investigação tecnológica, via recursos financeiros e técnicos.

Prebisch (1981a) destaca ainda outro fator que não leva a mais adequada alocação de recursos, dentro do livre mercado; ou seja, a escolha das técnicas produtivas. As técnicas provenientes dos centros não são adequadas na medida em que poupam mão de obra que é fator abundante na periferia, e exigem intensificação do uso do capital, que é fator escasso. A aplicação de impostos sobre bens de capital e de subsídios sobre a força de trabalho são idéias que, segundo ele, não prosperaram no sentido de buscar novas alternativas tecnológicas; além do que, não teriam surgido grandes alternativas tecnológicas nesta perspectiva desde os anos 50.

As diferenças nos níveis de desenvolvimento fazem com que, em países de industrialização incipiente, grande parcela da força de trabalho esteja alocada em atividades agrícolas e em outras atividades de baixíssima produtividade. Somando-se a isto um alto crescimento demográfico, temos como consequência um problema de absorção da força de trabalho em grandes dimensões. Dentro desta perspectiva Prebisch (1981a) adverte que "*Es pues forzoso acudir al excedente real o potencial de la agricultura y otras fuentes de producción primaria. Es cierto que ello se impone asimismo en países de mayor grado de desarrollo, pero*

allí existen también excedentes en la industria y en otras actividades técnicamente avanzadas."(pág. 309). É imprescindível para ele a recuperação do ritmo de excedente, o que seria primordial para o seu uso social, bem como para dar impulso ao desenvolvimento industrial destes países.

Planificar o uso social do excedente é tarefa essencial assim como bem destaca Prebisch (1981a) dentro das idéias cepalinas, a planificação é muito importante, embora exclua esta perspectiva: "*(...) Recuérdese, (...) a la luz de los escritos de la CEPAL, que la planificación se impone a fin de que el Estado, con sentido de previsión, determine ciertos cambios de gran importancia en la estructura productiva que se sustrae al funcionamiento del mercado, por más que se hubiese llegado a resolver el problema de acumulación y distribución.*" (pág. 313)

Finalmente, Prebisch (1981a) destaca que a partir da obtenção do consenso social acerca do processo de transformação poderiam surgir novamente diferenças de poder ao longo da estrutura social, o que poderia ser um risco para o sistema então estabelecido. Outro problema seria a preferência ao consumo imediato ao invés da acumulação; o que poderia levar a pressões nos sentido de uma redistribuição imediata em vez da redistribuição dinâmica, a qual leva um certo tempo. Isto, segundo Prebisch (1981a, pág. 315) "*Trataríase de una grave desviación de los objetivos del plan.*" O autor acrescenta ainda que não seria difícil encontrar outras desviações, como por exemplo, que aqueles que detém maiores qualificações, as quais são crescentemente requeridas, tratem de alterar a escala funcional de suas remunerações em detrimento da redistribuição aos outros segmentos da força de trabalho. O importante a destacar é que o autor deixa claro que o novo sistema busca uma racionalidade coletiva equacionando as relações de

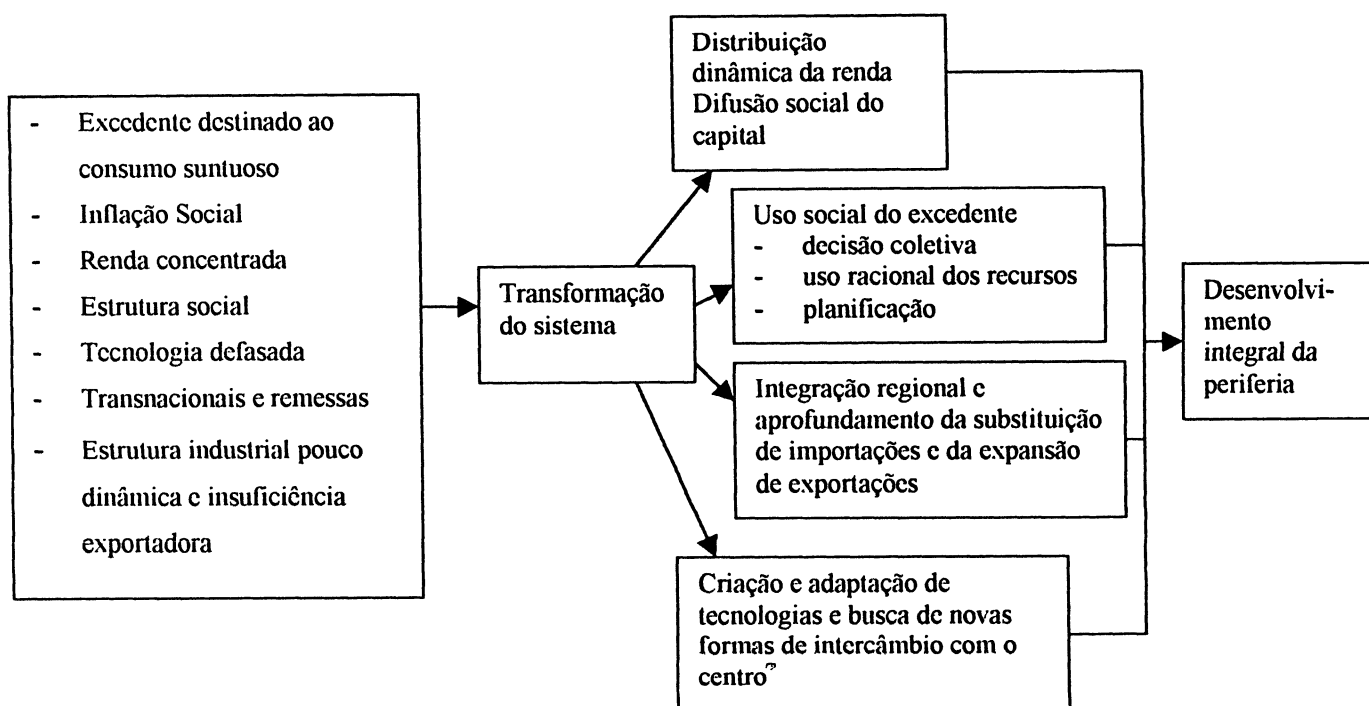
poder, e não, suprimindo-as. O importante a ter em mente é que : "(...) *La transformación del sistema no es materia de una fórmula que pueda aplicarse de una vez por todas. Es un proceso que al desplegarse encontrará grandes obstáculos. Lo esencial es no perder el rumbo, los grandes objetivos que se persiguen.*" (Prebisch, 1981a, pág. 316)

Na Figura 2, podemos observar as principais preocupações de Prebisch nos anos oitenta de modo esquemático.

Figura 2 - Os anos oitenta: as principais preocupações de Prebisch:

Problemas (diagnóstico)

Políticas (transformação)



2.3- A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO NO PERÍODO: UM ESBOÇO PRELIMINAR

Nos anos setenta e oitenta temos um desenvolvimento interessante das idéias de Raúl Prebisch. No início dos anos setenta, apesar de permanecer com o diagnóstico da condição

periférica e das políticas de desenvolvimento através da industrialização, como no pretérito esquema centro-periferia, agrega agora a necessidade de reformas estruturais no sistema, além de algumas preocupações novas de cunho social. Neste sentido, além de criticar o padrão voltado para dentro, Prebisch agrega em sua análise preocupações com políticas sociais de redistribuição de renda²⁹, educação e mobilidade social; além da estrutura política e de poder. Portanto, a idéia central era que a periferia deveria transformar sua estrutura econômica e social de modo a aumentar o ritmo de desenvolvimento, absorvendo uma maior parcela da força de trabalho no processo, o que proporcionaria melhorias nos níveis de renda e aumento do mercado interno. A idéia de eliminar a insuficiência dinâmica para alcançar maior desenvolvimento possui vínculo claro com as formulações originais de Prebisch, ou seja, com a idéia de heterogeneidade estrutural como característica da periferia e a conseqüente retenção dos frutos de uma maior produtividade nos setores dinâmicos.³⁰ Este esforço interno de acumulação poderia ser complementado pela cooperação internacional, sem esquecer entretanto da autonomia nacional. Neste contexto, o objetivo seria criar uma disciplina do desenvolvimento, a qual consistiria na combinação de transformações estruturais com a superação do estrangulamento externo, mediante a continuidade do processo substitutivo acoplado a uma política de expansão de exportações, processo que seria reforçado pela integração regional, um ritmo superior de acumulação através de um esforço interno de poupança, além de um esforço em criar e adaptar tecnologias, visando uma aceleração do desenvolvimento. Deve-se destacar ainda, que a concepção de tecnologia de Prebisch parece estar colocando-a como conseqüência da acumulação de capital.

²⁹ Prebisch já contemplava a distribuição de renda nos seus trabalhos desde os anos 60. Além dele, outros cepalinos como Anibal Pinto, deram grande ênfase ao tema nos seus escritos desde o início dos anos 60.

³⁰ Ver Gurrieri (1982) pp. 53-57.

Já em fins dos anos setenta e início dos oitenta, Prebisch adota uma posição bem mais pessimista em relação ao sistema. Antes havia em seu discurso uma confiança de que seria possível alcançar o desenvolvimento através de uma adequação ao sistema, a qual dar-se-ia através de mudanças estruturais, um ritmo superior de acumulação e a cooperação externa. Neste momento, não existe mais a crença de que a condição periférica pode ser superada sem que transforme-se o sistema. Nos principais trabalhos deste período, Prebisch propõem mudanças profundas no sistema, dada a constatação que a crise é característica do sistema, e que sua superação só é possível através de sua transformação. A preocupação permanece com a acumulação insuficiente, mediante o que ele agora denomina de excedente. Em sua teoria da transformação ele prega um "uso social do excedente", que corresponderia planificar seu destino entre consumo e acumulação, através de um processo de decisão coletiva, que visaria em última instância, o uso racional dos recursos acumuláveis. Isto permitiria aumentar o ritmo de crescimento, a absorção da força de trabalho ociosa e conseqüentemente geraria uma distribuição dinâmica da renda, ou seja, uma propagação social da renda.

Permanece também a ênfase na substituição de importações ligada a uma expansão das exportações industriais visando contrapor-se ao estrangulamento externo das economias periféricas, neste sentido, enfatiza a importância dos avanços técnicos, com vistas a melhorar o intercâmbio com o centro. A simples liberalização não seria a solução; o ideal seria buscar novas fórmulas de intercâmbio, inclusive através da integração regional.

O capital estrangeiro teria de continuar sendo alvo de políticas seletivas, sendo que o objetivo do sistema seria a difusão social do capital, mediante gestão autônoma das empresas, e participação crescente da força de trabalho no excedente (o qual anteriormente concentrava-se nas mãos dos donos dos meios produtivos), evitando assim, um novo processo de concentração do capital.

Neste contexto, o que podemos destacar, é que tantos nos anos setenta quanto nos oitenta, as preocupações do autor voltam-se para as reformas estruturais no sistema, assim como para aspectos sociais e políticos, dada sua ênfase na distribuição de renda e na transformação. Estas seriam condições para a superação da condição periférica e alcançar o seu desenvolvimento integral.

3- O PENSAMENTO DE FAJNZYLBER :

3.1- TRANSNACIONAIS E ESTILOS DE DESENVOLVIMENTO

Nos trabalhos dos anos 70, Fajnzylber dá ênfase a questão da competitividade e desenvolve as primeiras versões de conceitos que estariam presentes na sua obra, de forma mais "acabada" anos depois, como o de "núcleo tecnológico endógeno" e da "competitividade sistêmica". Outro marco interessante é a preocupação com o movimento das empresas transnacionais e seu impacto sobre o estilo de desenvolvimento latino-americano.

3.1.1-O papel das transnacionais

Dentro desta perspectiva, Fajnzylber (1976) procura demonstrar que o papel das transnacionais nas economias da América Latina (periferia) é diferente do desempenhado nos países de industrialização avançada³¹ (centro). Usando um marco teórico schumpeteriano³², Fajnzylber (1976) procura então, identificar estas diferenças e também eventuais semelhanças, destacando inicialmente que *"(...)La presencia de las transnacionales en la estructura industrial de los países de América Latina se encuentra, al igual que en el país de origen, en sectores de estructura oligopólica y, en el interior de éstos, desempeñan un papel de empresas líderes.(...)"* (pág. 637-638) Apesar desta semelhança, o autor destaca que existem diferenças e implicações importantes, em especial no que se refere à desnacionalização das economias latino-americanas.

³¹ Fajnzylber (1976) denomina que as empresas transnacionais aparecem como agente econômico central das economias capitalistas avançadas, as quais seriam responsáveis pelo "processo de destruição criadora" denominado por Schumpeter como traço essencial do sistema capitalista.

³² Em especial Capitalismo, Socialismo e Democracia.

A concentração industrial, aliás, já é uma característica da economia latino-americana, a qual dispondo de um mercado interno de tamanho reduzido utiliza tecnologias concebidas para os grandes mercados dos países industrializados (desenvolvidos). Segundo Fajnzylber (1976), o agravante é que no países desenvolvidos, a estrutura concentrada é resultado de um processo competitivo de longo prazo, o qual é acompanhado de inovações tecnológicas e elevação da produtividade. Já na América Latina, a estrutura industrial já nasce concentrada. Existem contudo, alguns setores da indústria que aparecem em estruturas menos concentradas na América Latina, o que não implicaria, segundo Fajnzylber (1976) que sejam mais competitivas do que nos países de origem.

Alguns fatores determinam a facilidade de acesso das empresas transnacionais aos mercados latino-americanos. Primeiro, é que as transnacionais já superaram "barreiras à entrada" em mercados mais competitivos e de mais difícil acesso do que na América Latina, neste sentido a penetração neste mercado torna-se mais fácil já que estas empresas já competem nos países de origem e no mercado internacional. Um segundo fator é que o investimento necessário para penetrar nos mercados da América Latina constitui um percentual muito pequeno do total de recursos financeiros totais de que dispõem. Neste sentido, temos uma situação paradoxal na América Latina, mercados reduzidos e um maior número de firmas do que nos mercados de origem das transnacionais.

3.1.2- Transnacionais, modalidade de concorrência e distribuição de renda:

A concorrência via diferenciação de produtos tem, segundo Fajnzylber (1976), características diferentes quando consideramos os países desenvolvidos e as economias latino-

americanas. O processo de diferenciação de produto responde à necessidade de expandir o consumo nos centros além das necessidades básicas, sendo assim, os produtos são desenhados em função dos requerimentos do mercado dos países de origem, os quais caracterizam-se por níveis de renda mais elevados. Portanto, a fabricação destes mesmos bens em mercados pequenos e protegidos, sem "barreiras à entrada" de novas filiais e, em que o nível de renda é bem inferior além de mais concentrada; leva a uma situação de ineficiência em termos de estrutura produtiva³³, além do que conduz a concentração de renda, uma vez que estes bens nos países de origem são de consumo de massa e na América Latina tem seu consumo reduzido aos estratos superiores de renda. Neste contexto ressalta Fajnzylber (1976)

(...) Resulta entonces que la concentración creciente del ingreso en favor de los sectores medios y altos se constituye en un factor de apoyo e la expansión de los sectores que producen esos bienes. Dados los niveles de precios y ingresos resulta más viable, desde el punto de vista de los productores, lograr en el corto y mediano plazo una "intensificación" del consumo por parte de ese mercado efectivo que hacerlos asequibles masivamente a los consumidores de bajos ingresos.(...) (pág. 643)

Segundo Fajnzylber (1976), esta modalidade de concentração de renda, além das conotações econômicas de fator de apoio dos setores oligopólicos, tem outras consequências de ordem política, cuja importância demonstram-se cada vez mais importantes na América Latina. Além disso, transplantar esta modalidade de concorrência gestada num contexto de necessidade básicas da população satisfeitas, conduz nas economias latino-americanas à expansão do aparato produtivo numa direção que não privilegia as necessidades mais urgentes da maior parte da população.

³³ Isto se refere às estruturas setoriais oligopólicas ligadas às empresas transnacionais.

3.1.3-Empresas transnacionais e o processo de inovação tecnológica:

De acordo com Fajnzylber (1976), as empresas líderes dos setores oligopólicos desempenham papel fundamental no processo de inovação tecnológica nos países centrais. E é justamente esta potencialidade de inovação que é usada como argumento a favor do estabelecimento destas empresas na América Latina. Contudo, nas economias da região não experimentam a mesma eficiência, apesar das altas taxas de rentabilidade que é característica também do centro. Neste contexto, o autor destaca esta contradição de que *"(...) Las filiales de estas corporaciones establecidas en América Latina también incorporan nuevos productos, procesos, equipos, técnica publicitaria; pero la diferencia radica obviamente en el hecho que, con escasas excepciones, que no necesariamente se refieren a la publicidad, la fase "creadora" de estas actividades no se realiza localmente.(...)"* (Fajnzylber, 1976 pág. 644) Ou seja, o que não ocorre é o processo de inovação tecnológica localmente.

Mecanismos de regulação visando a transferência de tecnologia possuem, segundo Fajnzylber (1976) eficácia limitada, em especial, no que tange às operações de transferência de tecnologia que tem lugar dentro das transnacionais, as quais inclusive correspondem à uma proporção significativamente grande do total. A definição da técnica de produção está ligada ao tipo de bem a ser produzido, logo, seria através de uma política industrial que poder-se-ia estimular novas linhas de produção, o que implicitamente determina o conteúdo da transferência de tecnológica. Neste contexto, afirma que

(...) no obstante la similitud formal referente al hecho de que las ET desempeñan el papel de líderes en estructuras oligopólicas, tanto en el país de origen como en los países receptores, existen diferencias

fundamentales en lo que se refiere a su "eficiencia" al carácter de la modalidad de competencia basada en la diferenciación de producto, a las implicaciones que esta última tiene sobre la estructura del consumo, a la distribución del ingreso y, por último, al contraste fundamental en el proceso de innovación tecnológica y sus repercusiones sobre la política de transferencia de tecnología. (Fajnzylber, 1976 pág. 646)

A partir disso, pode-se concluir que o papel que as transnacionais desempenham na América Latina é bem diferente, em diversos aspectos, do que ocupam nos países de origem.

3.1.4-Transnacionais e desnacionalização da atividade produtiva na América Latina:

Nos países receptores das transnacionais, o processo de concentração da atividade industrial tem implicações também no que tange à desnacionalização da atividade produtiva, fenômeno que não ocorre no país de origem. Segundo Fajnzylber (1976) esta desnacionalização³⁴ tem uma dupla dimensão. Primeiro, as empresas nacionais crescem menos que as empresas transnacionais que produzem bens semelhantes, assim, a produção de bens nos setores nacionais aumenta lentamente. Este fenômeno pode também ocorrer no país de origem segundo o autor, entretanto, estas alterações na estrutura produtiva, provocam na América Latina, também alterações na estrutura social.

(...) la diferencia radica en que esta modificación en la estructura productiva y en el patron de consumo, además de ser endógena, modifica la posición relativa de los distintos agentes económicos nacionales mientras que en los países receptores provoca un desplazamiento de poder desde agentes económicos nacionales hacia agentes económicos, cuya propiedad y dirección están en el exterior y que además aparecen con algún grado de articulación con sus respectivos gobiernos. (Fajnzylber, 1976 pág. 647)

O que pode-se depreender do até aqui exposto é que o autor vê com olhos críticos a entrada das transnacionais nas economias latino-americanas, uma vez que não teriam impactos benéficos

³⁴ Note que o conceito de desnacionalização do autor não corresponde exatamente à acepção atual do termo.

em termos de inovação tecnológica endógena, além do que teriam implicações negativas em termos de modificações nos padrões de consumo, distribuição de renda e estrutura social e de poder. Portanto,

(...) Cuando las filiales de estas mismas corporaciones llegan a América Latina y se convierten en líderes del proceso de concentración que se puede hacer a su comportamiento es radicalmente diferente de la que les corresponde como matrices en el país de origen. En efecto, no lideran el proceso de innovación tecnológica y prácticamente no desarrollan esta actividad, sus operaciones comerciales con exterior son deficitarias (no obstante presentar niveles de eficiencia más elevados que el de las empresas nacionales con las cuales compiten), los bienes que producen no se caracterizan por ser de consumo masivo y, por último, cuando las condiciones del mercado interno no permiten prolongar la expansión la tasa de reinversión disminuye y las remesas aumentan. (Fajnzylber, 1976 pág. 648)

Estas, não são as únicas implicações do processo de transnacionalização. Segundo Fajnzylber (1976), existem conseqüências adicionais deste processo que vão além do reforço à concentração de renda. Segundo o autor, também uma proporção crescente dos excedentes gerados internamente passam a ser transferidos ao exterior, fator que somado a indústria nacional de bens de capital pouco desenvolvida penalizaria ainda mais o Balanço de Pagamentos, o que comprometeria as possibilidades de expansão no longo prazo.

3.1.5-Alterações na estrutura produtiva e o emprego:

Fajnzylber (1976) alega que freqüentemente tenta-se explicar o desemprego como conseqüência do uso de técnicas intensivas em capital. Neste sentido, como as empresas transnacionais utilizariam técnicas mais intensivas em capital do que as empresas nacionais, poder-se-ia concluir que as transnacionais contribuiriam de forma negativa em relação ao nível de emprego da economia. Para ele, isto é uma análise estática da questão, a qual observada em

termos de evolução no tempo, do ritmo de crescimento dos setores, das estruturas de mercado, etc. chegaríamos a conclusão que não são as transnacionais que contribuem menos para o crescimento do emprego do que as nacionais, mas sim que o modelo de industrialização, do qual são líderes, incorpora fatores estruturais que de certo modo atentam contra o crescimento do emprego.

Além disso, Fajnzylber (1976) adverte que devido ao seu crescimento mais elevado, as transnacionais podem contribuir em maior medida que as nacionais para o crescimento do emprego, não obstante apresentem uma maior relação capital-trabalho. Neste contexto pode-se acrescentar ainda outro fator relevante; o de que a relação capital trabalho cresce mais rapidamente nos setores nacionais³⁵ do que nos setores liderados pelas transnacionais. Segundo o autor, o maior dinamismo das transnacionais leva a desnacionalização da indústria, portanto, a modernização das empresas nacionais seria uma estratégia para tentar limitar o avanço deste processo. Limitar o processo de modernização, visando a utilização de técnicas mais intensivas em mão de obra, levaria a uma aceleração do processo de desnacionalização da atividade produtiva.

As escolhas de técnicas produtivas se dão a nível microeconômico. As empresas nacionais, segundo Fajnzylber, adotam técnicas similares as das transnacionais, as quais lideram o processo de expansão industrial. Tentar alterar este contexto, significa para o autor uma modificação no atual padrão de industrialização.

³⁵ A explicação para isto vem do fato de que os setores nacionais possuem estruturas mais competitivas que levam as empresas a se modernizar como forma de enfrentar a concorrência das transnacionais. Além disso, o nível inicial da relação capital-trabalho é mais baixa nas empresas nacionais. (Fajnzylber, 1976 pág. 650)

(...) Siendo en general las ET quienes desempeñan esa función y asumen la responsabilidad de seleccionar e introducir los nuevos productos puede concluirse que el perfil tecnológico tenderá a responder mucho más a sus objetivos de crecimiento y diversificación industrial que a la preocupación de carácter macroeconómico de garantizar la expansión del empleo a largo plazo. En la medida en que exista un elevado grado de dinamismo, ambos objetivos son compatibles y serán precisamente las ET las que generarán los mayores incrementos de ocupación, aun utilizando técnicas cada vez más intensivas en capital. Resolver el problema del empleo sobre la base de inducir un mayor crecimiento de las firmas o sectores que utilizan técnicas poco intensivas en capital implica alterar el patrón actual de industrialización. (Fajnzylber, 1976 pág. 651)

De acordo com Fajnzylber (1976), a realocação de recursos nos setores "tradicionais" supondo que estes mantivessem suas características, teríamos um crescimento significativo do emprego. Contudo, nesta estratégia estaria implícita a opção de modificar a estrutura produtiva, alterar o padrão de consumo e de distribuição de renda vigentes, além de "congelar" estes setores na sua condição técnica atual. Segundo o autor, objetivar que no modelo atual as empresas tradicionais tenham maior expansão e que as transnacionais venham a privilegiar cada vez mais, técnicas intensivas em mão-de-obra, pressupõem uma mudança nos vínculos externos das transnacionais, assim como uma alteração nas tendências que caracterizam o funcionamento das empresas líderes do processo de industrialização. Ou seja, deve-se atentar para o fato de que o atual padrão de industrialização possui certa rigidez, dada a liderança das transnacionais e as características do mercado internacional de bens de capital.

3.1.6-Transnacionais: vínculos externos versus política interna:

Afora as implicações em termos de estrutura produtiva e de renda, as transnacionais possuem influência também em termos de alocação de recursos internos, tanto de investimentos públicos quando de financiamento através do sistema financeiro privado local. De acordo com Fajnzylber (1976), dado o dinamismo das transnacionais, seu respaldo externo e suas taxas elevadas de

rentabilidade, favorece a canalização de recursos do bancos nacionais, assim como de investimentos em infra-estrutura e serviços do Estado, em especial quando houver certa coerência das políticas de crescimento. Ou seja, *"(...) el "estilo de crecimiento", inspirado en alguna medida por el liderazgo ejercido por estas empresas, contribuiría a determinar, a lo menos parcialmente, la estructura de la inversión pública."* (Fajnzyblber, 1976 pág. 653) Com isso, alguns setores poderiam ser penalizados, por exemplo, a agricultura; o que poderia levar a insuficiência da oferta de produtos agrícolas e conseqüentemente ao aumento da inflação, além do que diminuiriam as exportações e aumentariam as importações de produtos agrícolas. Isto, somando-se a um coeficiente de importação mais elevado das empresas líderes, conduziria a um déficit comercial crescente, o qual seria amplificado pelas remessas de lucros, juros e dividendos. Este processo traria conseqüências desastrosas para as economias da região, pois

Si por consideraciones de balanza de pagos se estimula la reinversión por parte de las ET, se intensifica el proceso de desnacionalización y, como no puede ser indefinido, el problema de balanza de pagos asociado a la remesa de utilidades no se resuelve sino sencillamente se posterga, agravándolo. Si, por el contrario, priva la idea de que es preciso evitar que continúe el proceso de desnacionalización y se limita la reinversión en el país, tenderá a agudizarse el problema de la balanza de pagos en el corto plazo, tanto por un incremento en las remesas al exterior como por el efecto que esta política tendrá sobre las relaciones con el sistema financiero internacional.(...) (Fajnzyblber, 1976 pág. 653)

A idéia central é de que quanto maior a presença das transnacionais, menor serão os graus de liberdade de que o Estado dispõem para enfrentar esta difícil opção entre desnacionalização ou déficit externo. Sendo assim, Fajnzyblber (1976) adverte que os investimentos estrangeiros diretos deveriam ser canalizados numa direção que viesse alterar a dinâmica interna antes descrita, para que no longo prazo fosse possível superar e não amplificar o problema do balanço de pagamentos.

Além dos problemas de balanço de pagamentos, as transnacionais não resolvem os problemas econômicos e sociais de grande parcela da população. Neste sentido, o Estado tem duas opções, de acordo com Fajnzylber: a) aumentar os investimentos em serviços sociais; ou b) criar mecanismos repressivos que venham a impedir a manifestação das tensões sociais. Caso a opção seja a primeira, os impactos serão sentidos nas finanças públicas e, em última instância, no endividamento externo. Uma posição mais autoritária, teria melhores resultados do ponto de vista fiscal, entretanto, careceria de legitimidade interna, em especial, em termos da articulação do governo com as transnacionais.

Neste contexto, pode-se concluir que as transnacionais com seu papel relevante na industrialização latino-americana, trazem consigo um "estilo de desenvolvimento" que reforça as desigualdades de renda, aprofunda os problemas de balanço de pagamentos, além de contribuir para a perda de importância relativa do capital nacional, em termos de atividade industrial dinâmica. Acrescenta-se a isto, o fato de que as transnacionais não contribuem para a criação de um núcleo tecnológico endógeno na América Latina, dado que o processo de inovação ocorre na matriz e não nas filiais da região, o que prejudica a competitividade do sistema.

3.2- TRANSFORMAÇÃO PRODUTIVA COM EQUIDADE

3.2.1-Núcleo endógeno, competitividade sistêmica e eficiência

Nos anos 80, Fajnzylber permanece com o enfoque crítico sobre a industrialização latino-americana, em especial, no que se refere a falta do que ele chama de "núcleo endógeno". As

economias da região não são competitivas, pois carecem de eficiência, conceito que ele vincula, com aprendizagem, crescimento elevado, incorporação de tecnologias, qualificação da mão-de-obra e equidade.

La concepción de eficiencia que aquí se propone conduce a un proceso de modernización que busca tener acceso a los avances mundiales de la ciencia y la tecnología para incorporarlos creadoramente en el acervo nacional con vistas a lograr una asimilación real y el posterior enriquecimiento, y se apoya en la voluntad política de alcanzar un ritmo elevado de crecimiento que refuerce la búsqueda de la equidad. Elemento central de esta reflexión es la calificación masiva de la mano de obra, objetivo y al mismo tiempo requisito de su materialización. (Fajnzylber, 1983b pág. 323)

Estas preocupações com a educação, criatividade, crescimento, tecnologia e equidade estarão presentes nos trabalhos dos 80 e também nos dos anos 90.

Fajnzylber (1983b) avança dentro do debate cepalino, quando diz que as opções estratégicas para a América Latina não são substituir importações ou fomentar exportações. Segundo ele, as opções são diferentes: *"(...) constituir un núcleo endógeno capaz de incorporarse en el proceso de dinamización tecnológico que es la condición necesaria para penetrar y mantenerse en el mercado internacional versus delegar en agentes externos la responsabilidad de definir la estructura productiva presente y futura del país."*(pág. 324) Segundo o autor, a opção do "núcleo endógeno" não exclui a produção e exportação de certos bens, mas a ênfase está no fortalecimento e solidificação da competitividade nos mercados internacionais, através da reestruturação do sistema industrial "herdado". Neste contexto, o autor sugere uma "nova industrialização" que seria conquistada a partir da articulação em torno deste "núcleo endógeno", possuindo uma base social de sustentação, em termos de agrupações, partidos, etc. O objetivo seria buscar o fortalecimento da dignidade nacional, superar as carências sociais e desenvolver as

potencialidades criativas da população, assim como buscar a soberania no uso dos recursos naturais.

De certa maneira esta discussão a respeito da necessidade de criar um núcleo tecnológico endógeno já estava presente nos anos 70. Nos anos 80 aumenta esta ênfase, além do que agrega-se a questão da equidade social.

Outro traço fundamental das idéias de Fajnzylber nos anos 80 é a idéia da competitividade sistêmica, a qual seria definida como um tipo de competitividade que *"(...) consiste en la capacidad de un país para sostener y expandir su participación en los mercados internacionales, y elevar simultáneamente el nivel de vida de su población. Esto exige crecimiento de la productividad y, por ende, la incorporación de progreso técnico.(...)"* (Fajnzylber, 1988 pág. 13) Este tipo de competitividade seria autêntica, diferentemente da competitividade definida "espúria", a qual seria obtida mediante desvalorizações da moeda, possuindo eficácia limitada, uma vez que não incrementa a produtividade nem estimula a incorporação de progresso técnico. O objetivo central deveria ser portanto, buscar incrementos autênticos na competitividade e não buscar ganhos espúrios de curto prazo.

3.2.2- A crítica ao padrão de industrialização latino-americano e a preocupação com a equidade.

A caracterização do padrão de industrialização latino-americano se dá, segundo Fajnzylber (1987), através de quatro traços básicos. O primeiro seria a inserção internacional da região via matérias-primas, o que caracterizar-se-ia por superávits comerciais no setor primário e um déficit

comercial sistemático no setor manufatureiro. O segundo aspecto seria um processo de industrialização, o qual foi concebido e impulsionado visando substancialmente os mercados internos. Um terceiro seria um padrão de consumo, o qual busca reproduzir o modo de vida de países avançados em especial dos Estados Unidos. É um padrão de consumo de uma sociedade com renda per capita mais de sete vezes superior ao da América Latina, e cuja dimensão econômica equivale a cinco vezes o conjunto da região. A característica fundamental do caso da América Latina seria

(...) en que se ha procedido trasplantar en mayor medida los objetos que los conocimientos e instituciones necesarios para diseñarlos, producirlos y adaptarlos a las condiciones locales. La ansiedad por el contacto físico com los objetos ha sido mayor que la pasión por incorporar la modernidad del conocimiento y de las relaciones interpersonales sobre la base de los cuales éstos se diseñaron. (...)
(FAJNZYLBBER, 1987, p. 131).

A quarta e última característica seria a baixa valorização social e precária liderança do empresariado nacional. A constatação empírica na América Latina demonstra que os setores industriais mais dinâmicos, portadores do progresso técnico e que definem o perfil do setor produtivo, são compostos não por empresas nacionais (as quais ocupam apenas o terceiro lugar) mas preponderantemente por empresas públicas e transnacionais, onde o papel das pequenas e médias empresas (PME's) - privadas nacionais por definição - é menos preponderante. Neste contexto, a baixa valorização da 'função empresarial' é "*uno de los rasgos fundamentales que diferencian la región de aquellos países de industrialización tardía que han logrado una inserción exitosa en los mercados internacionales (...)*" (FAJNZYLBBER, 1987, p. 133). As quatro características básicas do padrão de industrialização latino-americano vinculam-se e apoiam-se mutuamente. Sendo que as peculiaridades do processo de industrialização são diretamente influenciadas pela interação dos traços comuns do padrão de industrialização com as

especificidades que caracterizam as economias nacionais. Os fatores que, segundo ele, parecem exercer maior influência sobre os resultados, desafios e estratégias futuras são: o tipo de recursos naturais; as características do sistema agrícola; o momento histórico em que se desencadeou a industrialização; a dinâmica populacional; o tamanho do mercado e o sistema político predominante.

Neste contexto, para alcançar o desenvolvimento seria necessário simultaneamente a articulação econômica e social interna e uma sólida inserção internacional, a qual dar-se-ia via endogeneização do progresso técnico. A incorporação do progresso técnico levaria a uma maior produtividade, a qual elevaria o ritmo de crescimento, o que resultaria numa mais rápida absorção de progresso técnico e aumento de gastos com P&D. Isto repercutiria numa organização industrial transformada gerando mais crescimento bem como competitividade internacional. Processo este, denominado por Fajnzylber como “círculo virtuoso acumulativo”.

(...) mayor es el ritmo de crecimiento, más rápida es la incorporación de generaciones sucesivas de equipo, portadores de un progreso técnico que transforma la organización industrial aprovechando las economías de escala que genera el propio ritmo de crecimiento e intensificando a dotación de capital por hombre. El incremento de productividad, a su vez, permite incrementar el mercado a través de la elevación de remuneraciones; intensificar, (...) los recursos destinados a investigación y desarrollo; financiar la expansión requerida de los servicios públicos de infraestructura sin, por lo tanto, afectar la capacidad financiera de las empresas para sostener la expansión. Aparece entonces un "circulo virtuoso acumulativo" que vincula y retroalimenta crecimiento con productividad. (FAJNZYLBER, 1983. pág 37-38).

A pretensão de inserir-se internacionalmente mediante exclusão parcial de setores e regiões seria ilusório, uma vez que as tensões sociais acabariam por comprometer o investimento e o crescimento. Nestes termos ele prega a necessidade de preencher o “casillero vacío”, no qual crescimento converge com equidade, ou seja, uma transformação produtiva com equidade social.

Segundo Fajnzylber (1990), a América Latina não pode mais prescindir destas transformações na estrutura produtiva.

(...) En América Latina resulta impostergable una transformación productiva que permita elevar la productividad de la mano de obra, sustentar la competitividad internacional "auténtica" apoyada en la incorporación de progreso técnico, fortalecer y ampliar la base empresarial latinoamericana, elevar masivamente el nivel de cualificación de la mano de obra y lograr el establecimiento de relaciones de cooperación constructiva entre el gobierno, sector empresarial y laboral basados en acuerdos estratégicos que den permanencia a las políticas económicas.(...) (pág. 107)

A preocupação do autor com a questão da transformação produtiva, deixa claro outro marco de sua obra, qual seja: a constante preocupação com a competitividade internacional dos países latinoamericanos, a qual teria como requisito fundamental, a adequação da estrutura produtiva ao novo "paradigma da reestruturação produtiva".

Os diferentes padrões de industrialização ou desenvolvimento que observamos na realidade contemplam mais ou menos a questão do crescimento com equidade. Para Fajnzylber, existem certas causalidades entre o crescimento e equidade que explicariam tais diferenças, as quais procuraremos esclarecer a seguir.

3.2.2.1-Fatores que favorecem a equidade³⁶

O primeiro fator, considerado muitas vezes decisivo, seria a transformação da estrutura agrária, no sentido de incorporar as populações agrárias (camponeses) à sociedade moderna, alterando as relações entre a agricultura e a indústria. Uma transformação estrutural na

³⁶ FAJNZYLBBER, F. (1989). Cap. III.

agricultura geraria, segundo o autor, uma alteração nos padrões de distribuição de renda, bem como nos padrões de demanda. As alterações profundas nas estruturas agrárias ocorridas nos países desenvolvidos quando de seu processo de industrialização levaram à difusão e homogeneização dos aumentos de produtividade. Sendo assim, observa Fajnzylber (1989):

Diversos estudios internacionales, así como la experiencia de América Latina muestran que existiría una clara relación de causalidad entre la transformación estructural de la agricultura y una mejor distribución del ingreso y, (...) esta última ejerce un papel importante en la configuración del sistema productivo y, por consiguiente, en la capacidad de absorción y generación de progreso técnico y ingreso al mercado internacional. (pág. 58)

Existem diversos fatores que influenciam a distribuição de renda de uma sociedade. Fajnzylber destaca que alguns são de origem estrutural e outros advêm de políticas públicas de distribuição e redistribuição de renda. Dentre os de ordem estrutural, destacam-se, segundo ele, a transformação da estrutura agrária, como já mencionado; o nível de competitividade do setor industrial e o ritmo de crescimento. Para ele, as políticas públicas teriam efeito significativo sobre a equidade, englobando a política fiscal do ponto de vista do gasto, da renda e do equilíbrio orçamentário; políticas de emprego nos setores urbanos, marginais e rurais; políticas visando o fomento da organização social em termos de sindicatos, cooperativas, associações, etc.; sistemas de previdência e serviços de saúde e educação; programas de moradias populares e o apoio da pequena e média empresa urbana e rural. Segundo Fajnzylber, as elites rentistas podem prejudicar a equidade, diretamente pela concentração da propriedade e, indiretamente via um sistema institucional que tende a perpetuar o sistema de distribuição de renda e poder.

O autor ressalta ainda, que o processo histórico de desenvolvimento teria grande influência sobre o crescimento e a equidade. Neste sentido, a ação governamental interna em

termos de política macroeconômica, influenciaria estas variáveis, assim como a configuração do poder teria influência sobre os projetos de inversão além dos interesses de manutenção do *status quo*.

3.2.2.2-Equidade, padrão de consumo e implicações para o crescimento³⁷

A partir da melhora na distribuição de renda, ou seja, da melhora na equidade, passaríamos a observar alterações nos padrões de consumo. Para Fajnzylber, uma maior equidade levaria a um padrão de consumo mais austero, se comparado a uma sociedade em que a renda está concentrada, onde geralmente ter-se-iam abusos no sentido de buscar copiar um padrão de consumo de sociedades com maior nível de desenvolvimento e renda. O autor acrescenta ainda, que a produtividade dos investimentos seria maior nas sociedades em que se observa uma padrão de consumo mais austero, o que segundo ele consistiria num consumo com menor proporção de bens duráveis, energia e divisas. Com isso, observa o autor, que:

En esos países, la relación de capital a producto tendería a ser más baja, que en aquellos en que se intenta reproducir el patrón de consumo foráneo, caracterizado por una gran proporción de consumo duradero y de energía con la infraestructura física de comunicaciones y de transportes para sustentarlo, concebido para una realidad con baja densidad de población, abundancia de capital y gran extensión territorial. (Ibid. pág. 61-62)

Na realidade, o que Fajnzylber intenta demonstrar, é que um padrão de consumo mais modesto deixaria livres recursos para investimento. Neste contexto, existiria uma certa causalidade entre o consumo suntuoso e a relação capital produto, muito embora ele admita que seja difícil a comprovação empírica desta hipótese. Ou seja, o consumo suntuoso estaria

³⁷ FAJNZYLBER (1989). Cap. III.

relacionado a uma alta relação capital-produto, enquanto que um consumo mais austero proporcionaria uma maior disponibilidade de recursos para investimento, o qual seria direcionado para bens que possuem uma menor relação capital-produto. Neste caso, haveria um maior impacto no produto a partir de um mesmo investimento.

A partir disso, Fajnzylber estabelece que a equidade na distribuição de renda e um padrão de consumo mais austero favoreceriam o crescimento. Certamente que existem diversos fatores que atuam sobre o consumo além da distribuição de renda, como instrumentos de política econômica; por exemplo, a política tributária e creditícia. Além disso, há de se atentar para o fato de que existe também toda uma dimensão institucional ligada à canalização dos recursos para investimento. A mentalidade dos agentes de função pública influenciaria o padrão de consumo e inversão na medida em que fossem ligados à elite rentista por exemplo. Também o intento de propagar o modo de vida dos países avançados seria custoso, sendo traduzido pela difusão de valores e opções de investimento, as quais pretensamente estariam ligadas a incorporação, a este modo de vida, de toda a sociedade. Isso acabaria por fazer com que este processo acabasse por minar o potencial de crescimento do país. Como bem assinala Fajnzylber (1989 pág. 63-64):

La reproducción del patrón de consumo de los países avanzados no excluye la posibilidad de crecimiento económico en la medida en que se cuente con mano de obra proveniente del campo y con recursos en divisas generados tanto por las exportaciones de recursos naturales como por el endeudamiento externo. Pero al agotar-se las posibilidades de endeudamiento externo y volverse cada vez más costoso y políticamente frágil la sobrevivencia del consenso social en situaciones de elevado grado de exclusión (...) tenderá a cuestionarse el proceso de crecimiento.

Se consideramos também que o padrão de consumo propaga-se mundialmente, ou seja, observa-se uma certa universalização dos hábitos de consumo, temos que a incorporação destes

hábitos por sociedades que ainda não alcançaram um grau adequado de integração econômica e social interna (como a América Latina) deveriam empreender políticas públicas visando regular esse processo. As medidas, segundo Fajnzylber, iriam desde mecanismo tributários e de financiamento ao consumo, como medidas extra-econômicas objetivando conscientizar as pessoas através dos meios de comunicação de que deve-se conciliar o acesso a modernidade com o crescimento e a equidade.

Segundo Fajnzylber, a equidade favoreceria o crescimento também na medida em que ela reforçaria a inclinação a promover projetos de longo prazo visando o crescimento. Logo, a equidade geraria um "clima" favorável, um sentido de coletividade, e portanto, uma disposição de participar num esforço coletivo visando o crescimento, mesmo que por meio da postergação do consumo. Neste sentido, sinteticamente o autor destaca que: *"(...) la equidad apoyaría al crecimiento y el crecimiento apoyaría a la equidad en la medida en que coexistiesen un sistema industrial competitivo y un sistema y un patrón de consumo y de inversión más austeros y productivos."* (Idem pág. 67)

Os livres movimentos de capital que observam-se no atual contexto de globalização, graças aos meios técnicos para tal, fazem com que a simples geração de recursos internamente para investimento não seja garantia de que estes venham a ser aplicados no país. Fajnzylber destaca ainda a situação da América Latina como grande devedora, o que levaria a prejuízos em termos de crescimento, dado o fluxo contínuo de recursos ao exterior. Este é um obstáculo, assim como a falta de controle que se tem sobre as entradas de investimentos externos. Como bem observa o autor (pág. 74): *"(...) la diferencia está en que, (...) sobre todo en América Latina, las*

corrientes son sistemáticamente de signo negativo. Este es un obstáculo que atenta contra la esencia misma del proceso de crecimiento y de la reestructuración de la producción en esos países, aun sin tomar en cuenta el problema de la deuda externa. "

Este argumento é muito mais válido para os anos setenta e oitenta do que para os anos noventa, dado que a crise da dívida dos países latino-americanos neste momento é menos aguda do que foi no passado.

3.2.2.3-Competitividade e equidade³⁸

Considerando a exposição até o momento, também pode-se assinalar o fato de que o crescimento econômico, na medida em que permite incorporar novas gerações de equipamentos e produtos, elevaria a produtividade e conseqüentemente a competitividade internacional. Ou seja, o processo de crescimento e competitividade teriam como requisitos a equidade, austeridade no consumo e o aprendizado tecnológico.

Fajnzylber afirma ainda que não apenas o crescimento reforça a equidade, como também a competitividade reforça o crescimento, em especial quanto maior é o conteúdo tecnológico dos setores em que se apresentam estes incrementos na produtividade; e também quando as empresas e a infra-estrutura tecnológica de apoio fazem parte do patrimônio do país. Isto não quer dizer que não pode ocorrer crescimento apoiado em empresa estrangeiras ou em setores com baixo conteúdo tecnológico, apenas o autor deseja destacar a importância da relação entre setores de

produção, empresas e mercados visando aprofundar e aperfeiçoar o processo de inovação tecnológica.

Um sistema industrial competitivo teria condições de favorecer a equidade, segundo Fajnzylber, através da distribuição mais ampla da propriedade, ligada a criação de pequenas e médias empresas; pela melhor qualificação da mão-de-obra; pelo crescimento mais rápido do emprego, dado o dinamismo do mercado internacional. Também contribuiriam o aumento da produtividade e das remunerações, bem como a universalização da educação, a qual é um requisito para a manutenção da posição competitiva em termos internacionais. Por fim, destaca-se ainda a necessidade da propagação da lógica industrial pela sociedade como um todo, através de vias institucionais ou não, o que favoreceria a absorção do progresso técnico. Isto propiciaria um aumento de produtividade e a difusão do progresso técnico de forma mais equitativa por todo o sistema. Contudo, deve-se ter em conta também que a capacidade de competir internacionalmente é influenciada pelo ritmo de crescimento da economia, bem como pela disponibilidade de recursos naturais; pela existência de uma base empresarial nacional; pelo acesso à tecnologia estrangeira, bem como pelo tipo dos investimentos estrangeiros, além dos diversos instrumentos de política. Exemplos seriam as políticas cambial e creditícia, os mecanismos institucionais de financiamento de médio e longo prazo dos investimentos; a promoção de exportações; as políticas de infra-estrutura tecnológica e de capacitação, etc.

³⁸ FAJNZYLBER (1989) Cap. III.

3.2.2.4-Sistema industrial e competitividade:³⁹

Dá-se destaque também à base de recursos naturais como influenciadora da configuração do sistema industrial, sobretudo no que tange à competitividade internacional. Segundo o autor, países que não possuem uma base de recursos naturais, não possuiriam a capacidade de satisfazer crescentemente as necessidades "principais". Sendo assim, seria necessário gerar divisas para tal, por meio de um setor industrial competitivo. Esta seria a única alternativa para países com escassez de recursos naturais, ou seja, o desenvolvimento industrial em setores de alto conteúdo tecnológico visando o mercado internacional.

O crescimento populacional é outro fator que pode influenciar positiva ou negativamente sobre a evolução do sistema industrial. Um baixo crescimento da população poderia apressar o esgotamento do crescimento com baixo nível de produtividade. Contudo, um alto crescimento populacional sem correspondente acumulação ou mercado conduziria certamente à redução do dinamismo.

Dentro do contexto até aqui exposto Fajnzylber agrega ainda a importância da existência de um empresariado nacional, que poderia ou não associar-se aos investimentos estrangeiros. O essencial é que este empresariado estivesse apto a penetrar nos mercados internacionais, o que exigiria capacidade de absorver o progresso técnico e inovar de modo a manter a posição internacional. Para tal, seria necessário também, pessoal qualificado para desenvolver o processo de inovação de forma permanente. Ou seja:

³⁹ FAJNZYLBER (1989) cap. III.

(...) la solidez de la posición en el mercado internacional está determinada en general por el nivel de calificación de la población y su capacidad de participar del proceso permanente de innovación tecnológica. En términos más específicos, está dada por la existencia y desarrollo de empresas nacionales capaces de competir, solas o asociadas con la inversión extranjera, con las empresas que actualmente abastecen a los mercados internacionales. (Idem pág. 70)

Um tipo de política interessante, segundo o autor, seria a busca da maior eficiência nos empreendimentos públicos e privados e, principalmente, fomentar a pequena e média empresa, a qual possui cada vez mais significância neste período de transição para um novo padrão tecnológico, que caracteriza-se pela menor escala das plantas, flexibilidade, e maior possibilidade técnica de descentralização.

Num contexto de descontentamento com os resultados alcançados pela industrialização latino-americana, em especial a partir dos anos 70, Fajnzylber (1990) sugere a necessidade de alterações no padrão de industrialização adotado até então; ou seja, uma transformação produtiva que englobaria os seguintes pontos:

(I) transitar desde la "renta perecible" de los recursos naturales hacia la "renda no perecible" de la incorporación de progreso técnico al sector productivo. (II) desplazar la prioridad desde el conjunto de sector manufacturero, a los subsectores específicos que contribuyen a incorporar y difundir progreso técnico al conjunto del sector productivo. (III) favorecer la inserción internacional sobre la base de impulsar la elevación de la productividad y la competitividad en sectores específicos. (IV) introducir modificaciones en las instituciones y políticas públicas con el objetivo de inducir en el sector privado, comportamientos coherentes con los criterios anteriores. (V) promover un contexto institucional proclive a la colaboración estratégica entre gobierno-empresariado y sector laboral. (FAJNZYLBBER, 1990 pág. 109)

A absorção do conhecimento científico e tecnológico depende da base industrial pública e privada, bem como dos agentes econômicos encarregados de absorver e aplicar este tipo de conhecimento. As limitações por parte de qualquer dos agentes envolvidos pode levar ao insucesso, ou baixo êxito, de instituições de desenvolvimento científico-tecnológico. Da mesma

forma, a simples presença de empresas internacionais não significa por si só a competitividade do sistema industrial. Com exceção de casos muito particulares, a instalação destas empresas não visa a exportação, mas a conquista de novos mercados, neste caso, a produção visando o mercado interno.

3.2.2.5-Configuração do sistema, estrutura de poder e as implicações para a equidade⁴⁰

Fajnzylber identifica além disso, uma vinculação entre a base de recursos naturais e a estrutura social e de poder da sociedade. Para ele, em sociedades com fartos recursos naturais e alta concentração de propriedade, seja pública ou privada, há a tendência de criar-se uma elite que usufrua dos rendimentos destes recursos e do poder na sociedade. Elite esta, que vincula-se muitas vezes com a intermediação financeira, podendo, então, influenciar o restante da sociedade em termos de funcionamento. As transformações necessárias estariam, portanto, tanto no âmbito do Estado quanto no do Mercado visando redefinir a chamada "sociedade política e a sociedade civil". Destaca-se ainda o fato de que a significativa concentração da propriedade dos recursos naturais, pode incidir negativamente sobre o processo de distribuição da renda.

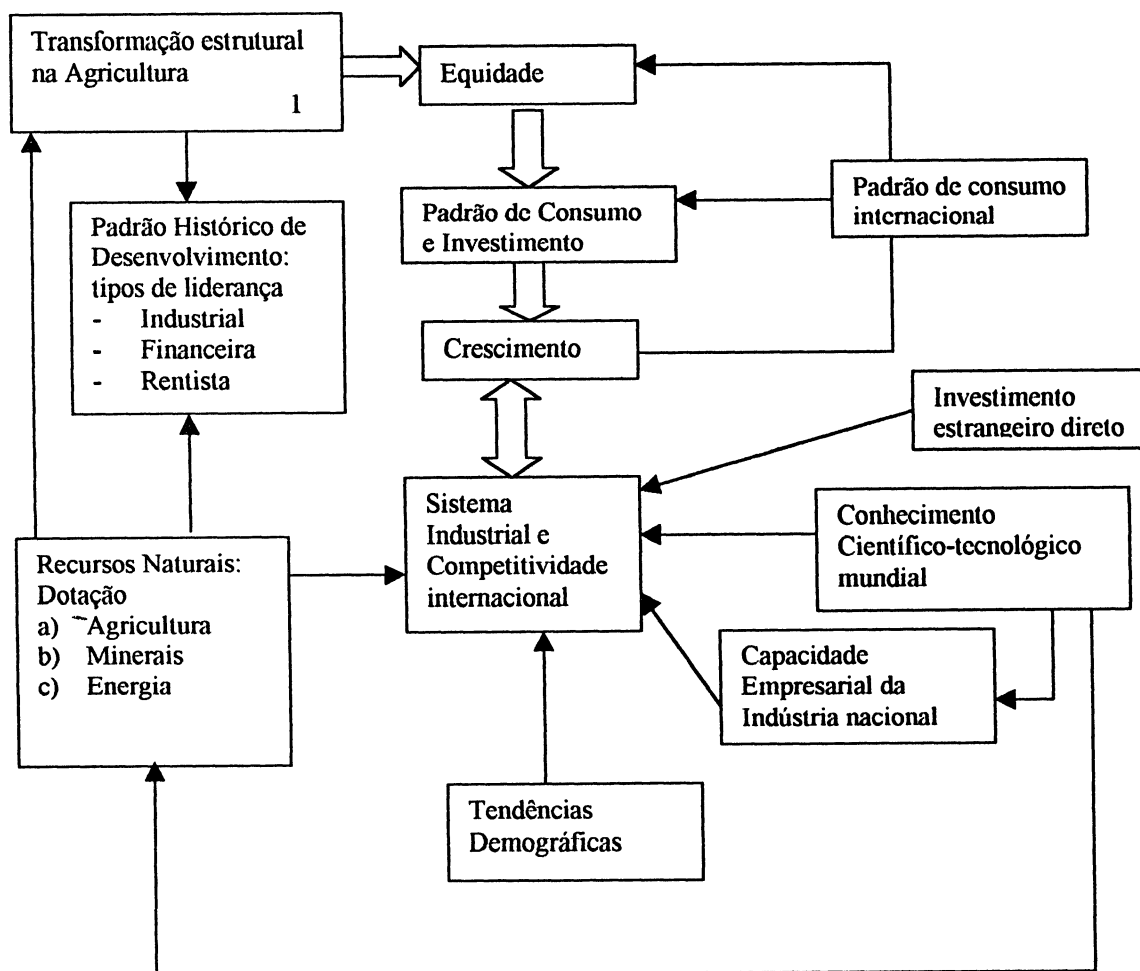
A partir do exposto até aqui, temos que as configurações reais dos sistemas sofrem influência de fatores estruturais, alguns imutáveis e outros dentro de uma dimensão de transformação tanto econômica, quanto social, política e cultural. Logo, os diferentes padrões de industrialização que observamos na realidade, podem, segundo Fajnzylber (1989), mostrar

⁴⁰ FAJNZYLBER (1989) Cap. III.

maiores ou menores níveis de crescimento com equidade, dados estes fatores antes expostos.

Pode-se observar a idéia central dos anos oitenta de modo esquemático na figura abaixo:

Figura 3- As idéias de Fajnzylber nos anos 80⁴¹:



⁴¹ A figura foi baseada na construção de Fajnzylber (1989) pp. 57.

3.3- UM BREVE QUADRO EVOLUTIVO:

As idéias de Fernando Fajnzylber, mostram claramente uma evolução, além de uma articulação lógica dentro da idéia de modernizar a economia nacional, através de um projeto de valorização do nacional, através de uma mudança de postura em relação ao capital estrangeiro.

Fajnzylber nos trabalhos iniciais tem suas preocupações centradas no papel das transnacionais na configuração do "estilo" de desenvolvimento latino-americano. Neste sentido, a identificação de que o "estilo de desenvolvimento" liderado pelas transnacionais na América Latina tem como ponto de apoio a estrutura de renda concentrada, já demonstra a preocupação do autor com a questão da desigualdade social. Entretanto, não ocorrem desenvolvimentos significativos neste campo, por parte do autor, nos anos setenta. A sua ênfase na equidade surgiria apenas nos anos oitenta, com a idéia da transformação produtiva com equidade social.

Desde o início há a preocupação com o desenvolvimento tecnológico interno e com a competitividade do sistema. O progresso técnico e a competitividade internacional são, portanto, os temas centrais dos trabalhos de Fajnzylber nos anos setenta⁴². A partir da constatação de que a configuração industrial baseada nas transnacionais não dotou as economias latino-americanas de um núcleo tecnológico endógeno, ou seja, de que o processo de inovação ocorre no centro e não na periferia; Fajnzylber intenta demonstrar as contradições do "estilo de desenvolvimento" latino-americano. Neste contexto, as empresas nacionais carecem de dinamismo, dadas as diferenças técnicas entre elas e as transnacionais. Este fato, segundo Fajnzylber, levaria à desnacionalização

⁴² Estes temas permanecem com grande ênfase também nos anos oitenta, em especial a tecnologia, dada a sua abordagem schumpeteriana.

da atividade produtiva, reduzindo a competitividade do sistema. Portanto, o caminho seria o desenvolvimento interno de tecnologia, uma vez que as políticas de transferência de tecnologia tem eficácia limitada.

Nos anos 80 o grande mote passa ser o vínculo da equidade com os fatores de transformação produtiva. Crescer é preciso, com autonomia, equidade, competitividade (autêntica), ou seja, deve-se desenvolver um núcleo tecnológico endógeno e uma base social sólida, sem o que não é possível uma sólida inserção internacional.

A crítica ao padrão de industrialização latino-americano é o ponto de partida de sua análise nos 80, quando a partir da constatação do caráter "trunco" da industrialização latino-americana, baseada no simples transplante de "modelos" e padrões externos, não levou ao desenvolvimento da região. Neste sentido, o objetivo é transformar o sistema em termos econômicos, dentro do novo paradigma da reestruturação produtiva, e sociais, buscando amenizar as tensões sociais que emanam do modelo excludente "herdado", através do preenchimento do "casilero vazio"

4- TECNOLOGIA, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E IMPLICAÇÕES PARA O CRESCIMENTO: A PERSPECTIVA DE PREBISCH E FAJNZYLBER

O objetivo deste capítulo é resgatar as visões dos autores sobre o papel da tecnologia e da distribuição de renda sobre o crescimento econômico tendo em vista o contexto de crise vivido pela América Latina neste período. Um quadro de baixo crescimento econômico ligado a uma conjuntura de forte estrangulamento externo, perda de dinamismo do processo substitutivo, concentração de renda e defasagem tecnológica, sugere a necessidade de mudanças. Neste sentido, pretendemos demonstrar quais as soluções propostas pelos autores no sentido de superação da crise, assim como perceber de que maneira estas soluções são manifestadas pelos autores, em termos de semelhanças e diferenças. O objetivo não é apenas a comparação dos pontos de vista dos autores, mas a identificação das diferentes soluções à crise dentro do pensamento cepalino no período de estudo.

4.1- A TECNOLOGIA E O CRESCIMENTO

A preocupação de Prebisch no início dos anos setenta está centrada na eliminação da insuficiência dinâmica, ou seja, dos obstáculos internos ao desenvolvimento da periferia. Neste contexto, a tecnologia é primordial, na medida em que as melhorias de técnicas proporcionariam aumentos de produtividade e aceleração do ritmo de crescimento. A aceleração do ritmo de crescimento permitiria incorporar a mão-de-obra "excedente" reduzindo a heterogeneidade do sistema, neste ponto também adverte para a escolha das técnicas produtivas, as quais deveriam adequar-se ao objetivo de eliminação da insuficiência dinâmica. Para Prebisch as transformações técnicas poderiam advir dos investimentos estrangeiros diretos (transferência de tecnologia dos

centros), o que proporcionaria incrementos nas exportações industriais. Entretanto, o objetivo seria desenvolver a capacidade criadora interna no campo técnico com vistas a adquirir autonomia técnica para a iniciativa privada nacional, eliminado assim, a subordinação técnica em relação ao exterior. Neste sentido, o progresso técnico, sendo primordial para as melhorias em termos de produtividade e para o crescimento, deveria ser desenvolvido internamente, portanto, com autonomia em relação ao capital estrangeiro, o qual poderia de algum modo colaborar, mas não ser o único meio de alcançar melhorias neste campo. Neste sentido, para Prebisch a tecnologia parece um meio de aumentar a produtividade, os recursos para acumulação e, como consequência, o crescimento.

O progresso técnico e a competitividade internacional são os temas centrais dos trabalhos de Fajnzylber . Neste sentido, difere de Prebisch que via a tecnologia de forma diferente. Para Prebisch a tecnologia parece ser um "derivado" da acumulação, ou seja, a medida em que incorporam-se novos bens de capital, os quais conteriam as inovações técnicas, ter-se-iam melhoras de produtividade, aumento da acumulação e crescimento econômico.. A proposição de Fajnzylber contém uma visão diferente da tecnologia, uma vez que encontra-se muito mais voltada para a eficiência técnica e a possibilidade de inserção internacional em outras bases. Em particular, assume que a tecnologia não acompanha passivamente a acumulação, mas destaca o caráter ativo, a importância do esforço local, das interações sistêmicas no processo de aprendizado.

A preocupação de Fajnzylber encontra-se no desenvolvimento de um núcleo tecnológico endógeno. Neste sentido, observa que as empresas transnacionais mantém o processo de inovação

no centro e não desenvolvem-no na periferia. Prebisch nos anos oitenta, vê também com desconfiança a colaboração das transnacionais para o desenvolvimento da periferia. O autor afirma que elas contribuíram mais para a internacionalização do consumo da periferia do que da produção, ou seja, não colaboraram para o desenvolvimento das exportações industriais. Prebisch não dá tanta ênfase para a competitividade como Fajnzylber. Entretanto, ele preocupa-se com o estrangulamento externo da periferia, para o qual a alteração das pautas de importação e exportação tem grande importância. Neste contexto, ambos defendem o desenvolvimento de tecnologia de forma autônoma pela periferia, tentando incentivar a iniciativa privada nacional através do desenvolvimento de tecnologias, inclusive contando com apoio estatal na área de pesquisa e desenvolvimento. A qualificação da mão-de-obra é outro ponto de destaque neste contexto, para ambos, embora Fajnzylber dê maior relevo a este quesito. A força de trabalho deveria estar preparada para não apenas lidar com as novas tecnologias mas também criar e desenvolver novas técnicas.

Prebisch no final do setenta e nos anos oitenta⁴³, permanece com a idéia de que é primordial o desenvolvimento técnico da periferia. Neste sentido, o autor acredita que a intensificação do processo de substituição de importações e expansão de exportações contribuiriam para uma capacidade tecnológica crescente, melhorando as formas de intercâmbio com os centros. O Estado poderia contribuir neste sentido, através da promoção de investigação tecnológica, mediante recursos financeiros e técnicos. A preocupação de ocupar a mão-de-obra subempregada em atividades de maior produtividade permanece em sua análise com destaque, dada a constatação que o problema da insuficiência dinâmica não foi totalmente superado.

⁴³ Momento de crise do padrão de industrialização.

Portanto, o desenvolvimento tecnológico da periferia permitiria reduzir a dependência em relação ao centro, aumentar o ritmo de crescimento econômico e promover a distribuição dinâmica da renda. Contudo, a visão de Prebisch nos anos oitenta é de que os objetivos de desenvolver integralmente a periferia só seriam alcançados mediante uma transformação na essência do sistema, ou seja, em sua estrutura econômica, política, social e de poder; que adota a forma da socialização do excedente.

Fajnzyblber por outro lado, vê o crescimento como resultado da criação de um núcleo tecnológico endógeno. Neste contexto, prega a necessidade de desenvolver a eficiência do sistema, através da aprendizagem tecnológica, da criatividade, da incorporação de tecnologias e da qualificação da mão-de-obra. Esta seria a configuração do que ele chama de transformação produtiva, idéia que tem por trás toda uma abordagem schumpeteriana do funcionamento do sistema econômico. O desenvolvimento tecnológico seria essencial para alcançar a competitividade internacional, a qual por sua vez reforçaria o crescimento econômico. Neste sentido, os gastos em pesquisa e desenvolvimento e a absorção de progresso técnico seriam cruciais para a inserção internacional da periferia, uma vez que permitiriam uma competitividade autêntica (ou sistêmica), melhorando a posição no mercado internacional, os níveis internos de produtividade e consequentemente a equidade do sistema. A ênfase da análise de Fajnzyblber está, portanto, na adequação da periferia no novo paradigma da reestruturação produtiva, com vistas a melhorar sua inserção internacional, adequando-se à nova divisão internacional do trabalho. A ênfase na eficiência não aparece na análise de Prebisch, ao menos não nos termos em que Fajnzyblber se refere. A preocupação de Prebisch está nos anos oitenta muito mais voltada para a eficiência social do capitalismo periférico, suas contradições intrínsecas e para a impossibilidade

de alcançar o desenvolvimento sem a transformação do sistema. Neste contexto, parece haver certa semelhança entre a idéia de Fajnzylber de desenvolver um núcleo tecnológico endógeno e a de Prebisch da necessidade de uma disciplina do desenvolvimento. Entretanto, a diferença que permanece de certo modo implícita é de que Prebisch o Estado tem papel fundamental na planificação do excedente, intervindo diretamente na acumulação. Fajnzylber, de outro lado, defende mais os estímulos à ciência e tecnologia no setor privado.

A grande diferença na abordagem dos autores sobre a crise vivida pela periferia e que podemos destacar inicialmente, é de que Prebisch não crê que o desenvolvimento pode ser alcançado dentro do atual sistema e que Fajnzylber acredita que a periferia pode adequar-se às mudanças que ocorrem nos anos oitenta. Neste sentido, a crise dos anos oitenta, trás um certo pessimismo à análise de Prebisch. Contudo, podemos notar certa coincidência entre as idéias dos autores, quanto à necessidade de transformações profundas na estrutura econômica da periferia, com vistas a aumentar o ritmo de crescimento e inserir-se internacionalmente de modo menos dependente. Entretanto, os autores vêem estas transformações de modo diferente. Para Prebisch a transformação deve ser profunda, criando toda uma nova configuração do capitalismo periférico, sendo uma mistura de liberalismo e socialismo, contanto portanto, com um dose significativa de planejamento das decisões econômicas⁴⁴. Já Fajnzylber vê a transformação como algo menos profundo. Primeiramente, a transformação seria no âmbito produtivo, a qual deveria ser acompanhada de mudanças na estrutura da sociedade que permitissem o desenvolvimento do núcleo endógeno, assim como também o funcionamento dentro do chamado "círculo virtuoso".

⁴⁴ Decisões a nível macroeconômico. As decisões a nível micro deveriam contar com certa liberdade.

Neste sentido, as transformações deveriam relacionar-se à transformação produtiva, aliadas às mudanças no âmbito social, ou seja, à uma maior equidade distributiva.

Ambos pregam a necessidade do desenvolvimento tecnológico interno, eliminando assim, a dependência ao capital estrangeiro⁴⁵ como fonte de transferência de tecnologia. A ênfase na importância da tecnologia é maior em Fajnzylber nos anos oitenta do que em Prebisch. A preocupação central de Prebisch nos oitenta, está portanto, na transformação do sistema, a qual contempla a tecnologia, entretanto, não como ponto central como acontece na análise de Fajnzylber.

4.2- A DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E O CRESCIMENTO

Dentro da análise dos autores a distribuição de renda tem papel importante para o crescimento, embora apareça, ao menos em alguns momentos, revestida de características diferentes.

O destaque para a equidade já se faz presente nos trabalhos de Prebisch dos anos 70. Muito embora o autor já incorporasse o tema em seus trabalhos em especial desde os anos 60; nos 70 parece existir uma maior ênfase sobre a equidade, dada a percepção dos desequilíbrios sociais crescentes na América Latina. Fajnzylber ao contrário, não incorpora ao menos com algum destaque o tema nos seus primeiros trabalhos. Nos seus trabalhos iniciais nos anos setenta, ele tem suas preocupações voltadas muito mais para o papel das transnacionais na configuração do

"estilo" de desenvolvimento latino-americano. Neste contexto, a percepção de que a desigualdade social é ponto de apoio vital do "estilo de desenvolvimento" liderado pelas transnacionais na América Latina, já demonstra a preocupação do autor com a questão da concentração de renda, ou seja, com a equidade social. Entretanto, a sua ênfase na equidade surgiria apenas nos anos oitenta, quando sugere a necessidade de uma transformação produtiva com equidade social na América Latina, que constituir-se-ia na principal proposta da nova Cepal. Logo, em Fajnzylber o tema aparece inicialmente de forma implícita, enquanto que ocupa um aspecto central nos trabalhos de Prebisch no período.

A idéia de distribuição da renda de Prebisch nos anos setenta está ligada ao conceito de insuficiência dinâmica. Dentro da estrutura heterogênea da periferia Prebisch identifica um grande contingente de mão-de-obra subempregada, o que ao mesmo tempo era resultado do baixo crescimento, assim como seria limitante de um maior crescimento. Neste sentido, a distribuição de renda seria resultado da incorporação "produtiva" desta força de trabalho "ociosa" pela expansão industrial, o que permitiria aumentar o mercado interno, reforçando a expansão industrial. Este fenômeno posteriormente denominado distribuição dinâmica da renda seria portanto, uma espécie de propagação da renda pela sociedade, mediante a incorporação "produtiva" da mão-de-obra em setores ou ramos com maior nível de produtividade (absorção da heterogeneidade estrutural). Outros fatores que beneficiariam a distribuição, segundo Prebisch, seriam a reforma agrária além de medidas do Estado para favorecer o crescimento e consequentemente a eliminação da insuficiência dinâmica, como o fornecimento de infraestrutura social e econômica. Para ele, portanto, a distribuição é um imperativo não apenas social

⁴⁵ Ambos os autores vêem o problema do capital estrangeiro também como um componente de recrudescimento do

(eliminação das tensões sociais) mas também econômico (aumento do poder de consumo e da produtividade média). A idéia do autor é de que uma maior equidade favoreceria o crescimento, através do aumento do mercado interno, o que por sua vez seria um estímulo à industrialização e à substituição de importações. De outro lado, a distribuição seria resultado de um maior crescimento, ou seja, o maior dinamismo proporcionaria a incorporação deste contingente e uma maior participação da força de trabalho nos frutos da crescente produtividade.

Já nos anos oitenta nota-se grande semelhança entre as idéias de Fajnzylber e Prebisch no que tange à distribuição de renda. A idéia de que uma distribuição de renda proporcionaria maior austeridade no consumo, um "clima" favorável, uma identidade coletiva em torno da idéia de crescimento aparece nos dois autores. Fajnzylber sugere, assim como Prebisch, uma reforma agrária e uma distribuição da propriedade, através de incentivos às pequenas e médias empresas. A diferença em Prebisch é que este propunha uma "difusão social" do capital. Na realidade, a grande diferença é que Fajnzylber não questiona o sistema, acredita sim, que com austeridade e com a criação de um núcleo tecnológico endógeno seria possível ser competitivo e integrar-se à nova divisão internacional do trabalho. Neste sentido, a distribuição de renda é um meio para tal, através do que seria possível avançar em termos de produtividade, competitividade e crescimento. A distribuição de renda seria alcançada também mediante uma maior qualificação da mão-de-obra, o que proporcionaria emprego e maior remuneração; assim como através dos ganhos de produtividade. Para Fajnzylber, a distribuição é um imperativo econômico e social, na medida em que as tensões sociais seriam também prejudiciais à estabilidade do sistema e ao crescimento. Para ele a equidade favorece o crescimento e o crescimento a equidade, seria uma

estrangulamento externo; ou seja, sob o ponto de vista do "peso" das remessas sobre o Balanço de Pagamentos.

relação em que ambos auto reforçar-se-iam. Neste contexto, Fajnzylber sugere também que a eficiência do sistema exige como requisito a equidade. Parece-nos entretanto, que estes vínculos não aparecem de forma clara em Prebisch, uma vez que ele reconhece que no capitalismo o ritmo de acumulação e crescimento dependem de certo nível de desigualdade no que refere-se à apropriação dos frutos da produtividade.

Um ponto de semelhança entre os autores é o fato de admitirem que em certos casos a redistribuição através de políticas públicas seria, em determinadas circunstâncias, um caminho a ser seguido. Fajnzylber sugere medidas fiscais e de gasto público, políticas de emprego, educação e saúde, como formas de melhorar o nível de equidade.

De outro lado, Prebisch, nos anos oitenta, permanece com o diagnóstico da insuficiência dinâmica e sugere novamente a distribuição como forma de alcançar maior crescimento. A distribuição dinâmica da renda poderia ser complementada pela redistribuição direta por parte do Estado, a fim de evitar os conflitos enquanto o dinamismo da economia não tivesse condições de absorver todo o potencial de força de trabalho. Neste contexto, quanto maior o ritmo de acumulação, mais rápida poderia ser esta absorção. O ritmo de crescimento e as melhorias no âmbito da técnica, também contribuiriam positivamente para a distribuição, a qual por sua vez permitiria maior crescimento através de um consumo mais austero e, portanto, maior nível de acumulação. A idéia portanto, é de que a distribuição, na medida em que proporcione maiores rendimentos aos estratos inferiores da sociedade, não significa uma explosão do consumo, uma vez que estas camadas teriam maior austeridade de gastos do que os estratos superiores. A acumulação seria dinamizada através do "uso social do excedente" assim como mediante a

difusão social do capital. Neste sentido, também a distribuição da propriedade do capital e a reforma agrária funcionariam como meio de aumentar a acumulação do sistema. Sendo assim, percebe-se um vínculo claro entre a distribuição de renda e propriedade, o nível de consumo e acumulação, os avanços tecnológicos e o crescimento.

De modo esquemático, podemos observar os principais temas desenvolvidos pelos autores no quadro abaixo:

PREBISCH	FAJNZYLBER
<i>TECNOLOGIA</i>	<i>TECNOLOGIA</i>
Tecnologia⇒Acumulação⇒Crescimento ↓↓ Investimento Estrangeiro e Capacidade Interna ↓↓ Absorção da M.O. ociosa	Tecnologia⇒Produtividade⇒Competitividade⇒Inserção internacional ↓↓ Processo de inovação e núcleo endógeno
Substituição de importações e Expansão de Exportações ⇒ Tecnologia + Estado e P&D	Transformação produtiva e eficiência (criatividade, qualificação M.O.; equidade)
<i>DISTRIBUIÇÃO DE RENDA</i>	<i>DISTRIBUIÇÃO DE RENDA</i>
Insuficiência dinâmica e incorporação M.O. ⇒distribuição dinâmica da renda⇒ aumento do mercado interno⇒crescimento aliado à austeridade no consumo Reforma agrária e redistribuição direta pelo Estado ⇒tensões sociais	Reforma agrária e distribuição da propriedade⇒PME's Qualificação da força de trabalho; emprego⇒produtividade⇒equidade⇒crescimento ↓↓ consumo austero Distribuição direta⇒gastos do Estado
Transformação na estrutura econômica e social⇒ uso social do excedente⇒crescimento⇒distribuição	Transformação produtiva aliada a equidade distributiva Produtividade⇒Equidade⇒Crescimento⇒Competitividade: Círculo virtuoso

O que podemos concluir, é que neste momento o papel da equidade é primordial para ambos, e não aparece com destaque apenas em Fajnzylber, ao contrário, Prebisch nos anos 70 já dava o destaque a este tema que a "nova Cepal" usaria como ponto principal durante os anos 80 e

90. Contudo, não parece tão clara a necessidade de equidade para o crescimento em Prebisch, na medida em que o autor destaca que o ritmo de acumulação depende de certa desigualdade dentro do contexto do capitalismo. A desigualdade seria reduzida com a transformação do sistema, a qual contemplaria o "uso" social do excedente, o que permitiria que a despeito da redução da desigualdade não ocorresse redução do crescimento. Apesar de apresentarem-se com abordagens um pouco diferentes, a idéia de que um imperativo para aumentar o ritmo de crescimento é melhorar a equidade do sistema está presente nos dois autores, o que permite concluir que nas décadas de setenta e oitenta o tema de reduzir a pobreza e reduzir as desigualdades sociais era importante dentro do pensamento cepalino.

5-CONCLUSÃO

Dentro do contexto de crise do padrão de industrialização na América Latina já perceptível no início dos anos setenta, o trabalho procurou evidenciar as diferentes interpretações do período dentro da tradição cepalina, com destaque aos vínculos entre tecnologia, equidade e crescimento. O período tem consequências adversas para a periferia, em especial no que tange ao fracasso (relativo) do programa de substituição de importações, ao estrangulamento externo e ao contexto protecionista no mercado internacional, dado que a crise (choques do petróleo) atinge também o centro neste momento. É esta conjuntura que os autores (Prebisch e Fajnzylber), ora de forma semelhante, ora de forma diferente, analisam e sugerem caminhos para sua interpretação e superação.

A análise dos autores mostra clara evolução e, em especial, no caso de Prebisch um desenvolvimento em torno de suas concepções iniciais do modelo centro-periferia. Neste contexto, cabe destacar os principais pontos da análise dos autores no período.

A preocupação com a eliminação da desigualdade distributiva está presente na análise dos autores no período. O crescimento econômico estaria ligado a uma maior equidade, para Prebisch desde o início dos anos setenta. Isto também está presente nos trabalhos de Fajnzylber nos anos oitenta de forma mais direta e implicitamente no trabalho de 76. O que demonstra claramente que o "velho" Prebisch já antecipava temas importantes que seriam incorporados mais tarde à chamada "nova" Cepal. Apesar disso, não aparece de forma tão clara em Prebisch a necessidade da equidade para o crescimento em todos os momentos. De fato, a idéia de uma disputa pelo

excedente para sua utilização em consumo ou acumulação faz com que Prebisch também se preocupe com um crescimento muito grande das demandas sociais (inflação social). Mas a solução deste conflito dar-se-ia através de uma cultura de austeridade e controle do consumo suntuoso, o que conciliaria uma melhor distribuição e crescimento.

No que tange à tecnologia, ambos defendem a autonomia da periferia neste campo, como meio de aumentar os níveis de produtividade e melhorar o intercâmbio com o centro. A inserção externa da periferia depende da capacidade tecnológica própria, o que permitiria não só reduzir a dependência em relação ao centro, mas também acelerar o crescimento. O desenvolvimento da periferia seria alcançado, portanto, mediante a capacitação técnica da região aliada a uma equidade distributiva, que seria um requisito social de eliminação de tensões e também econômico em termos de uso do potencial humano visando o crescimento da produtividade e do mercado interno. As transformações do sistema seriam entretanto, um ponto de divergência entre os autores, na medida em que Fajnzylber não propõem mudanças profundas na forma de funcionamento do sistema capitalista. Para Fajnzylber, é necessário mudar a forma de funcionamento e inserção do capitalismo latino-americano, mas isso pode ser alcançado através de um núcleo endógeno de industrialização comprometido com a aprendizagem tecnológica. Prebisch, no entanto, crê que o capitalismo possui um componente de crise, dada a tendência a redução do "excedente", que segundo ele seria a fonte principal de acumulação e consequentemente de geração de crescimento. Neste sentido, a transformação, além de possuir um imperativo de ordem social, dadas as desigualdades sociais existentes no sistema vigente na América Latina, possui um imperativo econômico, na medida em que a retomada do vigor do crescimento não se daria sem o "uso social do excedente" e de uma disciplina do

desenvolvimento, que não seriam implementáveis no atual sistema, daí a necessidade de transformá-lo. Essa transformação iria no sentido de alcançar uma combinação entre socialismo e capitalismo, como está implícita na idéia de "uso social do excedente".

A ênfase na eficiência não aparece em Prebisch como ponto central, para ele a preocupação é simplesmente acumular cada vez mais, o que parece sugerir a idéia de que ela seria consequência da acumulação. Ao contrário, Fajnzylber defende a necessidade de criar, adaptar e também incorporar tecnologia com vistas a se tornar cada vez mais competitivo internacionalmente. A preocupação de Prebisch encontra-se muito mais voltada para a idéia de tecnologia como meio de alcançar maior produtividade, permitindo assim a absorção da mão-de-obra excedente. O destaque que Fajnzylber confere à tecnologia, produtividade e competitividade não estão em Prebisch de forma tão direta. Dentro desta perspectiva podemos concluir que a análise de Fajnzylber agrega um perspectiva interessante ao arcabouço cepalino, dado que incorpora a tecnologia como ponto central dentro de um arcabouço "schumpeteriano", além é claro das idéias "chave" da teoria cepalina.

Neste contexto, a superação da crise e da condição periférica, dar-se-iam mediante uma distribuição de renda mais equitativa e de uma capacitação técnica da região, a qual deveria privilegiar a autonomia, a produtividade e a competitividade. Estas conquistas seriam, para Prebisch especialmente, resultado de uma transformação do sistema, sem o que elas não seriam concretizáveis.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BETHELL, L. & ROXBOROUGH, I.(org.) (1996) **América Latina: entre a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.) (2000) **Cinquenta anos de pensamento da CEPAL**. Rio de Janeiro. Editora Record.

CANO, Wilson.(2000) **Soberania e Política Econômica na América Latina**. São Paulo. Editora da Unesp.

CASTRO, Antônio Barros de & SOUZA, Francisco Eduardo Pires de.(1985) **A economia brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FAJNZYLBER, Fernando.(1976) **Oligopólio, empresas transnacionales y estilos de desarrollo**. El Trimestre Económico, Núm. 171, México, D.F., julio-septiembre.

_____ (1981) **Reflexiones sobre la industrialización exportadora del sudeste asiático**. Revista de la CEPAL , Núm. 15, Santiago, Chile, Nações Unidas.

_____ (1983a) **La industrialización trunca de América Latina**. México, D.F., Editorial Nueva Imagen.

_____ (1983b) **Intervención, Autodeterminación e Industrialización en la América Latina**. El Trimestre Económico. Núm. 197, México, D.F., enero-marzo.

_____ (1987) **Las Economías Neoindustriales en el Sistema Centro-Periferia de los Ochenta**. Pensamiento Iberoamericano. Núm. 11; ICI/CEPAL, enero-junio.

_____ (1988) **Competitividad internacional: evolución y lecciones**. Revista de la CEPAL , Núm. 36, Santiago, Chile, Nações Unidas.

_____ (1989) **Industrialización en América Latina: de la "caja negra" al "casillero vacío". Comparación de patrones contemporáneos de industrialización.** Cuadernos de la CEPAL, Núm. 60, Santiago, Chile, Nações Unidas.

_____ (1990) **Sobre la impostergable transformación productiva de América Latina.** Pensamiento Iberoamericano. Núm. 16; ICI/CEPAL, julio-diciembre.

_____ (1991a) **Inserción internacional e innovación institucional.** Revista de la CEPAL, Núm. 44, Santiago, Chile, Nações Unidas.

_____ (1992) **Educación y transformación productiva con equidad.** Exposición de Fernando Fajnzylber en el Seminario sobre Educación y Conocimiento: organizado pela CEPAL, in: Revista de la CEPAL, Núm. 47, agosto, Santiago, Chile, Nações Unidas.

_____ (1994) **La CEPAL y el neoliberalismo.** Entrevista a Fernando Fajnzylber. Revista de la CEPAL, Núm. 52, abril, Santiago, Chile, Nações Unidas.

FFRENCH-DAVIS, Ricardo. (et. alli) (1997) **Las economía latinoamericanas, 1950-1990.** In: Bethell, Leslie (ed.) Historia de América Latina desde 1930. Editorial Critica, Barcelona.

GURRIERI, Adolfo.(1982) **La obra de Prebisch en la CEPAL.** El Trimestre Económico. Serie Lecturas. Fondo de Cultura Económica, México.

KATZ, Jorge.(1996) **Regimen de incentivos, marco regulatorio y comportamiento microeconómico.** In: Katz, J.M. (org.) Estabilización Macroeconómica, Reforma Estructural y Comportamiento Industrial: Estructura y funcionamiento del sector manufacturero latinoamericano en los años 90.Buenos Aires, Alianza Editorial.

KATZ, J. & STUMPO, G.(1996) **La restructuración de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y México en el curso de las últimas dos décadas.** In: Katz, J.M. (org.) Estabilización

Macroeconómica, Reforma Estructural y Comportamiento Industrial: Estructura y funcionamiento del sector manufacturero latinoamericano en los años 90. Buenos Aires, Alianza Editorial.

KOSACOFF, Bernardo. (1996) **La industria argentina: de la sustitución de importaciones a la convertibilidad**. In: Katz, J.M. (org.) Estabilización Macroeconómica, Reforma Estructural y Comportamiento Industrial: Estructura y funcionamiento del sector manufacturero latinoamericano en los años 90. Buenos Aires, Alianza Editorial.

PINTO, Anibal. (1986) **Raúl Prebisch (1901-1986)** Revista de la Cepal. n°. 29, Agosto. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

PREBISCH, Raúl. (1973) **Transformação e desenvolvimento: A grande tarefa da América Latina**. Rio de Janeiro, FGV.

_____, (1976) **Crítica ao capitalismo periférico**. Revista de la Cepal. n°. 1 Santiago do Chile, primeiro semestre. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1978) **Estructura socioeconómica y crisis del sistema**. Revista de la Cepal n°. 6. Santiago do Chile, segundo semestre. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1979) **Las teorías neoclásicas del liberalismo económico**. Revista de la Cepal. n°. 7 Santiago do Chile, Abril. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1980a) **Hacia una teoría de la transformación**. Revista de la Cepal. n°. 10 Abril. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1980b) **Biosfera y desarrollo**. Revista de la Cepal. n°. 12, Dezembro. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1981a) **Capitalismo periférico: Crisis y Transformación**. Fondo de Cultura Económica, México.

_____, (1981b) **La periferia latinoamericana en el sistema global del capitalismo.** Revista de la Cepal n°. 13, Abril. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1981c) **Diálogo acerca de Friedman y Hayek** Revista de la Cepal n°. 15, Dezembro. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1982a) **El retorno de la ortodoxia.** Pensamiento Iberoamericano: Revista de Economía Política. n°. 1. Enero-Junio.

_____, (1982b) **Monetarismo, aperturismo y crisis ideológica.** Revista de la Cepal. n°. 17, Agosto. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1982c) **Un recordo histórico en la periferia latinoamericana.** Revista de la Cepal. n°. 18, Dezembro. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1983a) **Centro y Periferia en el origen y maduración de la crisis.** Pensamiento Iberoamericano: Revista de Economía Política. n°. 13. Enero-Junio.

_____, (1983b) **Cinco etapas de mi pensamiento sobre el desarrollo.** El Trimestre Económico. Vol. (L)2 n°. 198. Abril-Junio. Fondo de Cultura Económica, México.

_____, (1983c) **La crisis del capitalismo y el comercio internacional.** Revista de la Cepal. n°. 20, Agosto. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1984) **La crisis global del capitalismo y su transfondo teórico.** Revista de la Cepal. n°. 22, Abril. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1985) **La periferia latinoamericana en la crisis global del capitalismo.** Revista de la Cepal. n°. 26, Agosto. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1986a) **Notas de intercambio desde el punto de vista de periférico.** Revista de la Cepal. n°. 28, Abril. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1986b) **Exposición del Dr. Raúl Prebisch en el vigesimoprimer período de sesiones de la CEPAL**. México, 24 de Abril. Revista de la Cepal. n°. 29, Agosto. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

_____, (1988) **Dependencia, interdependencia y desarrollo**. Revista de la Cepal. n°. 34, Abril. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

RODRIGUEZ, Octavio.(1981) **Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL**. Rio de Janeiro. Forense Universitária.

SANDRONI, Paulo. (1985) **Dicionário de Economia**. São Paulo. Abril Cultural.

SERRA, José.(1983) **Ciclos e mudanças estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra**. In: Belluzzo, L.G. & Coutinho,R.(org.) **Desenvolvimento Capitalista no Brasil: Ensaio sobre a Crise**. São Paulo. Brasiliense.

SPROUT, Ronald.(1992) **El pensamiento de Prebisch**. Revista de la Cepal. n°. 46, Abril. Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas.

TAVARES, Maria da Conceição.(1977) **Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro: Ensaio sobre Economia Brasileira**. Rio de Janeiro. Zahar Editores.